

O MAL ESTA ENTRE NÓS

O COVIL DOS LOBOS



**ISABEL VASCONCELOS
DE MENDONÇA**

1

QUARTO  CAVALEIRO
PUBLI CAÇÕES



ISABEL VASCONCELOS DE MENDONÇA

O MAL ESTÁ ENTRE NÓS

1. A fábrica quase *abandonada*.

Dois adolescentes estavam parados em frente aos portões de ferro do pátio de uma fábrica abandonada, nos arredores de uma cidadezinha do interior do Espírito Santo. Tinham 14 anos de idade, no entanto o da esquerda, com cabelos negros escorridos, usando óculos fundo de garrafa, de pele tão clara que suas bochechas ficavam vermelhas quando as comprimia, em contraste com sua vestimenta de calça, tênis, camisa e mochila negras, mostrava insegurança por estar naquele lugar, não sabendo se era certo o que ele faria naquela tarde fria e nublada.

Já o outro adolescente, de aparência magra, cabelos ruivos indo até o pescoço, com a mesma altura, de um metro e sessenta e cor de pele de seu colega, só diferenciando pelas sardas no rosto. Inusitadamente vestia o mesmo conjunto de roupas e mochilas negras. Ostentava uma fisionomia calma e contente por estar em frente à fábrica, como se fosse realizar um grande sonho.

– Tenho um mau pressentimento André. – revela o adolescente de cabelos pretos, observando as dimensões da fábrica enquanto ajustava os óculos, com opinião conhecida pelo amigo, que se fosse por ele não estaria ali, na verdade com sua timidez perfeitamente identificável pelas bochechas avermelhadas, provavelmente não estaria em muitos lugares da cidade, caso André não insistisse com bastante entusiasmo.

–Não seja estraga prazer Flávio. Isso vai ser melhor do que olhar as revistas da Playboy e Sexy. Confie em mim. – afirma o adolescente ruivo chamado André ao seu assustado amigo, que toda vez que iam fazer alguma coisa incomum se borrava de medo, sempre dizendo ter um mau pressentimento.

–Ouvi dizer que eles além de escutarem rock pesado, são Satanistas. Podem ser violentos se souberem que estamos aqui. – justifica o mau presságio, porém André já demonstrava estar vacinado contra suas obscuras previsões.

–O que importa Flávio, é que todos os Sábados eles se reúnem aqui, e pelo que sabemos fazem verdadeiras orgias sexuais. Isso é o que nos interessa, entendeu? E quanto ao fato de serem ou não Satanistas, pra mim é só fachada. Não passam de malucos, que não tem o que fazer na

vida. – tranqüiliza batendo nas costas do amigo assustado. Tinha planejado ver a tal orgia a várias noites, chegou a ficar sem dormir pensando nisso, e não ia ser agora em frente à fábrica que ia desistir, por causa de um insignificante presságio ruim. – Confie em mim, hoje será uma noite inesquecível. – sorri para o amigo.

Flávio faz um sinal de positivo a André. Afinal que outra coisa poderia ser melhor naquela cidadezinha sem graça, talvez seu medo fosse a sua forte timidez falando mais alto de novo, pensou. Ambos começaram a escalar os velhos portões de ferro que balançavam à medida que subiam. Subitamente para espanto deles alguém os segura pelas mochilas puxando com força para trás.

–Ora, ora, ora. O que os dois pirralhos, vestidos de preto, que nem urubu estão aprontando agora? – fala o rapaz aparentando uns dezenove anos, de cabelos ruivos longos indo até o pescoço, com um metro e oitenta e três de físico bem definido e musculoso, devidamente mostrado através de sua camisa cinza, calça jeans azul, tênis e casaco jeans da mesma cor.

–Márcio o que faz aqui? – pergunta André, notando estar encrencado.

–Tentando evitar que você maninho e Flávio se metam em confusão. Coisa boa não deve ser pra ver vocês dois vindo até esta casa. – Márcio cruza os braços exibindo seus músculos com mais rigidez. Sabia que sempre que o irmão sem vergonha fazia alguma coisa escondida era sobre sexo, igual da outra vez que caiu da árvore e quebrou o braço, por ficar olhando a vizinha tomar banho.

–Ora, não vai ter nada demais aqui. – argumenta André com um tímido sorriso, rezando para o irmão não prejudicar os planos daquela esperada noite.

–Sei... a não ser pela... famosa orgia dos malucos que acontece aqui. – desvenda o plano com o mesmo sorriso do irmão. Ele já sabia muito bem quando André mentia, e agora não seria diferente.

–Vai me dizer que nunca pensou em ir ver por si mesmo? – indaga André notando que foi descoberto, mas precisava convencê-lo a não estragar tudo.

–Acorda pirralho! – Márcio dá um cascudinho de leve no irmão, que recua com a dor. - Eu tenho dezenove, e já passei da fase de ficar só na

revista de mulher pelada, vendo os outros fazer. Hoje eu faço e ao vivo. Estranho você Flávio, estar aqui. Sua mãe deixou que ficasse na rua até tarde? – completa num tom irônico, lembrando que quando tinha a mesma idade possuía os mesmos anseios, mas na sua opinião aquele lugar poderia ser perigoso para dois adolescentes de 14 anos.

–Falei que ia dormir na casa de vocês. – responde contraindo as bochechas. Sinal corriqueiro quando contava alguma coisa que se envergonhava, e mentir para seus pais era uma delas, mas o André também inventara a mesma estória para os pais dele. - E além do mais ouvi dizer que a Dara, ou melhor, Tara vai estar aqui, e pelo que sei você gosta dela. – argumenta Flávio referindo-se a uma linda jovem de cabelos longos cor de mel, que por ser tão bonita tinha o apelido de Tara. Márcio sempre foi gamado por ela, mas há um ano e pouco a jovem arrumou um namorado da turma dos roqueiros malucos, deixando ele de lado.

–Ela não se prestaria a vir aqui nesse lugar sinistro e longe da cidade, cheirando a mofo. – duvida Márcio analisando o local. Era estranho acreditar que a garota ingênua que o inspirou a malhar para conquistá-la, viesse naquele lugar abandonado, no entanto ela agora andava com os tais roqueiros, estranhas companhias conhecidas por toda cidade, isso realmente o fez pensar o que poderia estar fazendo se viesse mesmo na fábrica.

–Pode ser, mas... O que você tem a perder? – André tenta convencê-lo, dando um soco de leve na sua barriga, e olhando pra ele com um sorriso maroto imitado por Flávio. Já que estava ali, por que não ir com eles ao local e conferir o que a garota dos seus sonhos fazia depois da meia noite.

Passados dois minutos, os três caminhavam pelo pátio de chão de paralelepípedos com gramas crescendo de maneira selvagem. Marcio ainda não estava inteiramente convencido a participar ou deixar os adolescentes passarem a noite no local, enquanto observava com admiração uma estátua de um anjo de ferro, segurando uma lança, na laje em cima da entrada para as máquinas de produção de latas, cujo piso ficava a um metro do chão do pátio, ideal para o descarregamento de caminhões, por meio das portas de movimento vertical que estavam abertas. Tal fábrica, há dois anos atrás era usada na criação de todo tipo de latas de alumínio. Vira o anjo muitas vezes, especialmente quando era moleque, mas nunca entendeu seu significado para o dono da fábrica, será que era alguma proteção, pensou.

–Vê? Se ninguém viesse aqui, por que os portões da fábrica estariam abertos? – André refere-se à entrada para as máquinas de produção de latas, sempre aberta desde que começou a planejar assistir a suposta orgia.

–Isso não prova que eles vêm aqui. Os donos podem ter deixado aberto para o cheiro de mofo não aumentar ainda mais. – explica Márcio contrariando o irmão, pois era difícil acreditar que Tara viesse num lugar desse. Pensava nisso enquanto examinava ainda de fora, o interior escuro cheio de máquinas, apenas com a pouca iluminação que vinha da luz natural por meio das janelas basculantes, lembrando o tempo em que tinha barulho na época de funcionamento, agora só o silêncio reinava.

Escalaram o piso adentrando no recinto, que era de dimensões grandes, cujo lado direito deles havia um o almoxarifado e a nove metros ao fundo uma escadaria de acesso ao próximo andar e logo após a entrada para o vestiário dos operários.

Instintivamente Márcio caminha na direção da escadaria, porém é contido pelo irmão que mostrou que o caminho certo estava no lado esquerdo, onde passam por várias máquinas de processamento e fabricação das latas, velhas e sujas pelo tempo, alocadas em 58 metros quadrados de chão empoeirado cheirando a cocô de rato.

Após alguns minutos, sobem uma outra escadaria, ao lado de um elevador de serviço que evitariam usar para não revelar suas presenças no local. Chegam no segundo andar, que tinha quase as dimensões do primeiro. Como a escadaria terminava perto da parede à esquerda deles, Márcio examina o outro lado, constatando que servia de depósito para cinco grandes pilhas de latas esquecidas, deixando o chão livre à direita delas como passagem.

Todo local recebia os raios de iluminação do dia por meio de mais janelas basculantes. Ao fitar a sua esquerda, constata que na parede tinha uma entrada para um outro cômodo, devendo ser o local, entretanto os adolescentes conhecedores do caminho verdadeiro, sobem a próxima escadaria à esquerda, até abrirem uma porta grossa de ferro anti-som e depois uma outra porta comum de aço, dando acesso ao corredor encarpetado dos escritórios.

O terceiro andar se mostra para Márcio diferente de todos os outros, primeiro pelo carpete bem cuidado no corredor, de portas nas duas paredes brancas, dando acesso às salas de contabilidade, setor de compras e outros serviços. E também enquanto caminhava com os adolescentes pelo lugar, sentia o aroma, não de mofo e sim de jasmim, demonstrando que o local pelo menos era limpo por alguém.

Levaram dois minutos para chegar ao final do corredor que tinha no lado direito, um outro corredor com quatro metros de largura e seis de comprimento, dando acesso à outra escadaria com porta lacrada e um elevador social, por onde as pessoas usavam para ir e vir. Já no lado esquerdo, seguido pelos adolescentes, era menor, com um metro e meio de largura por cinco de comprimento, com duas janelas guilhotinas abertas bem posicionadas na parede à direita.

Por fim, chegam a uma grande sala encarpetada, com sofás de pano cinza novo que ficavam na parede ao fundo e a esquerda do corredor, tendo um sofazinho de canto que as ligavam e uma televisão de 29 polegadas a cinco metros à frente. Colado à parede direita com duas janelas guilhotinas abertas, havia uma geladeira moderna com um microondas em cima, na direção do corredor, e quatro desconfortáveis cadeiras de madeira velha, encostadas na parede, embaixo das janelas e a esquerda da geladeira. Na parede junto ao corredor tinha uma mesa de madeira coberta por uma toalha branca, com um rádio de porte médio equipado com cd, a dois metros da geladeira.

Deveriam ter cinco ao invés de quatro cadeiras, deduz Márcio ao averiguar os restos da quinta perto da entrada do corredor. Os adolescentes abrem a geladeira, revelando a Márcio que caminhava naquela direção, vários tipos de alimentos, como pizza, lasanha e frutas, envolvidos pelos gases gelados que caíam como cascada no chão, iluminado pela pequena lâmpada da geladeira.

Ao ficar em frente à geladeira, constata várias latas de cerveja nas prateleiras da porta. Coloca sua mão em uma delas sentindo a temperatura fria, enquanto os gases gelados batiam nos seus pés. Olha para baixo notando a fisionomia triunfante dos adolescentes ao encará-lo mostrando que tinham mesmo razão.

—É aqui que eles se reúnem. Não falei? — disse André sorrindo para o Irmão que observava todo o ambiente. Para ele não podia ficar melhor,

pois além de poder ver a orgia, seu idolatrado irmão estaria com ele naquele dia glorioso.

–É parece que sim, já que esse é o único lugar que não fede a cachorro. – concorda com certa expectativa em ver Tara, se ela viesse mesmo, porém o incomodava a posição das cadeiras de madeira, de onde não havia uma visão boa da grande televisão, que devia ser assistida dos sofás, muito mais novos que as cadeiras, despertando a curiosidade sobre quem devia ficar sentado lá.

Flávio se aproxima do rádio apertando um botão para ver se ele funciona, tentando igual ao amigo convencer Márcio a ficar, ou André nunca o perdoaria se tivessem que voltar para casa, no entanto leva um susto ao ouvir em volume muito auto, uma faixa de rock pesado do cd. O barulho ecoa por toda a fábrica, fazendo Marcio se apressar para desligar o rádio.

–Ficou maluco? Quer que tudo mundo saiba que estamos aqui? – esbraveja assustando Flávio, irado com sua inocente estupidez.

–Desculpe, só queria saber se funcionava. – justifica colocando as mãos para cima mostrando que não ia tocar em nada, já que sua inexperiência sempre o fazia cometer trapalhadas.

–Ótimo, só espero que ninguém tenha ouvido. – cruza os braços, esperando que o barulho não atrapalhasse a oportunidade de ver Tara, caso ficasse. – Muito bem guris, se esse é o lugar, quero saber de onde vamos ver a tal orgia? – duvida que os adolescentes tivessem inteligência suficiente a convencê-lo de que realmente tinham um bom plano, para manter ele e conseqüentemente os dois adolescentes na suposta aventura noturna.

–Lá de cima. – aponta André para o teto de madeira branca acima de suas cabeças, na esperança que pudesse provar ao irmão que tinha um bom plano.

–Como vamos subir ali? – quis saber Márcio olhando curioso para o teto, imaginando como seria a visão da sala lá de cima.

André e Flávio franziram as testas dando um sorriso malicioso para Márcio, sinal de que não eram tão bobos, e logo seguem na direção das cadeiras velhas, entrando numa porta de acesso a um grande banheiro higienicamente perfeito, de duas pias com espelhos em frente à entrada,

à esquerda tinha dois vasos sanitários cercados por paredes brancas, com portas entreabertas, e na parede mais ao fundo um pequeno boxe de vidros fume com duas toalhas penduradas, e chuveiro aparentemente elétrico.

–Esse banheiro foi colocado recentemente, porém aqui no fundo... – explica Flávio, incumbindo-se da tarefa de contar o plano, enquanto se dirige na direção da porta no lado direito do boxe. – Tem uma salinha onde ficam toalhas e papéis higiênicos. – agora todos já estavam dentro da salinha de chão e paredes de cimento, apenas com um basculante na parede direita, e nas outras, prateleiras de ferro, contendo alguns rolos de papéis higiênicos. – Está vendo? Aqui tem um buraco no teto que não foi concertado. – aponta para o buraco no teto de madeira localizado no canto esquerdo da parede do fundo.

–Como vê mano, temos tudo planejado. – afirma André acreditando que não seria mais subestimado pelo irmão, quanto ao plano.

–Pode até ser, mas por que vocês acham que eles se reunirão esta noite? – quis saber Márcio com as mãos na cintura verificando que o tamanho do buraco era suficiente para ele passar, mas ainda era um tanto estranho ficar ali para ver a transa dos roqueiros junto com dois moleques sendo ele bem mais velho.

–Hoje é Sábado, e como eles se reuniram no Sábado passado também vão estar aqui hoje. – responde Flavio, que embora não fosse tão tarado quanto André, já estava ansioso para assistir, por isso tinha que convencer definitivamente Márcio a ficar.

–Não sei não... Acho que não é uma boa idéia. – duvida Márcio, no entanto tudo aquilo que foi bem armado pelo irmão e a oportunidade de ver o corpo desnudo de Tara, se ela viesse naquela noite, o inclinava muito a ficar.

–O que tem a perder? Além do mais... Você já esta aqui. – responde André escalando uma das prateleiras até conseguir subir no buraco, e dessa forma não deixar outra saída para seu irmão se não a de acompanhá-lo.

A atitude de André foi seguida pelos dois, que sobem no teto de madeira, coberto por telhas coloniais de barro cozido, sustentadas por vigas de madeiras maciças e rústicas posicionadas a um metro e meio de altura. Marcio nota que teria uma clara dificuldade em andar ali, não

só pela sua altura de um e oitenta, mas pela pouca claridade do local úmido, que fedia a titica de pombo.

–É muito escuro aqui. – reclama Márcio.

–Isso é ótimo mano. – André puxa da mochila uma lanterna que logo foi ligada. – por que acha que viemos de preto? É um disfarce excelente.

–Pena que aqui não cheira bem. – resmunga Márcio andando curvado, ao modo que os adolescentes, que mediam mais ou menos 1,73 de altura, caminhavam com menos dificuldade.

Os adolescentes pararam exatamente em cima da sala, onde supostamente os roqueiros fariam a tão esperada orgia. Todos sentaram em círculo em volta de uma fenda no chão que dava para ver as cadeiras de madeira. Feita propositalmente pelos moleques.

–Vocês acham que só por esta fenda, vamos ver tudo o que acontece lá embaixo? – dúvida Márcio sobre o plano deles, pois só conseguia ver as cadeiras.

–Não só tem essa, mas como têm outras. – André mostra com a luz da lanterna outras fendas espalhadas no local proporcionando ver os sofás, a entrada ou qualquer canto que quisessem.

–Droga pirralhos! Isso aqui cheira a mofo. E o que vamos beber até chegar à hora? – resmunga mudando de assunto para não ficar com mais cara de bobo do que já estava, com as soluções geniosas que os adolescentes apresentavam as suas dúvidas. Reconhece que quando era moleque não conseguiria bolar tudo aquilo, como os dois.

André puxa da mochila uma garrafa de plástico grande com água. Márcio nota que dentro da mochila ainda havia sanduíches, que pelo cheiro eram de queijo e presunto, enrolados em guardanapos.

–Muito bem. Agora a pergunta do dia. E se precisarmos ir esvaziar a bexiga? – essa era inevitável saber, pois seria difícil ficar ali, sem poder esvaziar o tanque, pensou.

–Bem... – Flávio olha para André procurando a opinião visual dele, se Márcio aceitaria o que tinha sido planejado na hora de esvaziar o tanque. Com o sinal positivo de André para expor a idéia, puxa uma garrafa fazia de plástico com boca larga. – Isso vai resolver.

–Parece que vocês não estavam brincando quando queriam vir aqui. – Marcio demonstra concordar com a idéia, considerada razoável por ele. Acende a luz do relógio para ver as horas. - São seis horas. Agora só o que temos de fazer é aguardar. – ratifica definitivamente estar de acordo em ficar e esperar ver a tão falada orgia sexual.

2. A reunião macabra.

As horas passaram como vento, no meio tempo, os três beberam água, fizeram suas necessidades na garrafa plástica, além do pequeno lanche de sanduíches de presunto e queijo. As trevas da noite já imperavam dando a impressão que a sala embaixo não existisse mais, deixando como única fonte de luz a lanterna que Flávio segurava. A espera também causava desconforto a ponto dos três ficarem se ajeitando ocasionalmente naquele espaço.

–Guris, acho que vocês devem ter se enganado, já é meia noite e dez e nem sinal de vida lá embaixo. – desconfia Márcio deitado sobre o casaco igual aos adolescentes, cansado de esperar naquele local abafado, quente e desconfortável, enquanto se ajeitava para encarar os dois.

–Isso é terrível! Nós tínhamos certeza que eles viriam. – Flávio lamenta que depois de tudo planejado, além de toda conversa que gastaram para convencer Márcio, a aventura fosse pro brejo.

–Tenham paciência. É claro que virão, tenho certeza. Planejei tudo com muito cuidado, daqui a pouco estarão aqui. – afirma André não querendo desistir naquele momento, ainda mais pelo fato de ter bolado tudo, perdendo preciosas noites de sono com a elaboração e a expectativa da chegada daquele dia.

–Minha paciência já está se esgotando. Se não aparecerem aqui dentro de dez minutos eu... – a voz de Márcio cessa ao perceber que as lâmpadas fluorescentes embaixo dele, piscaram três vezes antes de acenderem totalmente. – Desliguem a lanterna! – sussurra com o pensamento de ver Tara voltando a sua mente.

Flavio imediatamente obedece, desligando a lanterna, enquanto seus dois amigos engatinham até a fenda com a vista da entrada da sala, onde podiam perceber que o corredor também estava iluminado,

concluindo que toda a fábrica teve suas lâmpadas ligadas por alguém, embora ainda não se ouvisse nenhuma presença humana.

O silêncio persistia em durar aumentando a expectativa de todos. André estava contente pelo seu esforço finalmente ser recompensado, enquanto Flávio sentia o corpo ficando mais quente com a emoção, até Márcio arregalara os olhos não conseguindo segurar a tensão em poder ver Tara piorando ainda mais, quando ouviu sons de passos distantes, indo na direção da sala. Os passos iam ficando cada vez mais próximos, chegando no corredor. Dos sons, davam para distinguir que dois eram de sapatos ou botas, outros dois de chinelos ou sandálias, e o restante de tênis. No momento em que os passos já pareciam estar no meio do corredor, o barulho cessa, deixando-os quase sem respirar acompanhando o silêncio, então os sons ressurgiram na forma de correria, terminando na sala, que para espanto dos três, uma pessoa algemada, de botas, calça, camisa e jaqueta negras, com rosto coberto com capuz, é lançada com violência no chão, esparramando-se quase sem vida.

Outra que entra na sala era uma atraente moça de cabelos longos e de cor de mel, pele clara, com cara de boneca, belos olhos verdes e o nariz afilado, usando mini-saia de jeans azul escuro exibindo parte das coxas grossas e firmes, e blusa branca moldada nos seios de tamanho médio, possuidora de pés delicados dentro das sandálias pretas. Márcio fica confuso ao notar que era sua querida Tara. Ela o deixa ainda mais espantado com a violência que emprega, por dar um forte chute na barriga da pessoa de capuz, que se contorce de dor.

Para apimentar as coisas, surgem dois rapazes trazendo mais duas pessoas com os pulsos amarrados com cordas e as cabeças também cobertas com capuzes. Um tinha cabelos loiros, que batiam no pescoço, barba e bigode da mesma cor, fisionomia arrogante, por meio de sua estatura viril de dois metros e olhos esverdeados, usando anéis de caveira, calça e tênis pretos, camisa cinza com uma grande caveira branca. Ele joga sem a menor dificuldade na primeira cadeira, o indivíduo de terno cinza surrado e sujo, nada combinando com os chinelos de dedo que calçava.

—É o namorado da Tara. — André informa baixinho enquanto engatinhava, junto com os dois, para a outra fenda onde teria melhor visão das cadeiras de madeira e do homem loiro. Ele já previa sua presença, só que não parecia que vinha para a tal orgia, a não ser que

fosse sadomasoquismo, pensa ao analisar as pessoas de capuzes que claramente eram prisioneiras.

O outro era seu amigo conhecido como Zé maluco. Um apelido de fácil associação, pelo cabelo preto espetado, um metro e setenta, com corpo branquelo, roupa preta típica de amantes do roque com direito a correntes de aço no pescoço, além do seu inconfundível narigão, que sempre acompanhava o sorriso idiota, exibido ao colocar na segunda cadeira o elemento de camisa marrom, calça jeans desbotada e sapatos pretos sujos e furados. Tara puxa com força o outro indivíduo que estava no chão, o jogando na terceira cadeira, só que esse ficou com a cabeça inclinada para a direita, ainda atordoado com os golpes que levou.

—A noite hoje foi generosa conosco, não é meu amor? — vangloria Gládio beijando Tara, satisfeito com a felicidade que a namorada demonstrava por ter como prisioneiro aquele elemento.

—Eu diria que essa noite vai ser muito especial. — concorda Tara admirando o indivíduo que havia chutado.

As outras duas pessoas começaram a gemer, chamando a atenção de Zé Maluco.

—O que foi rapazes? Já estão implorando tão cedo? — pergunta Zé rindo baixo com o sofrimento deles.

Zé Maluco tira os capuzes dos dois, revelando que o de terno era um mendigo velho de pele clara e barba branca, e o de camisa marrom, era um velho negro de bigode, assustado com a terrível situação em que se meteu.

—Meu Deus! Esses são mendigos que eu vi numa cidade próxima. — fala Márcio indignado com a situação, temeroso quanto ao que fosse assistir naquela noite, pois parecia que ia ser uma sessão de tortura. — o que esses malucos vão fazer com eles? — não se contem dividindo sua curiosidade com os adolescentes.

Os mendigos gemiam sem parar, e quando Gládio tira a mordaça deles, começam a implorar por suas vidas, ajoelhando-se aos seus pés.

–Quieto idiota. – grita Zé Maluco esmurrando o velho negro que caiu no chão. – A vida de vocês não serve para nada, por isso, o que tem de mal em morrer, ninguém vai sentir falta mesmo.

–Como podem ser tão cruéis? – sussurra Flavio perplexo com a situação dos velhos. Para ele era incompreensível que pessoas tão desamparadas fossem humilhadas daquele jeito.

–Vai com calma Zé, não seja mal educado, solte o velhote. – ordena Gládio olhando com um sorriso sinistro para o outro mendigo que estava quieto, intimidado pelos seus dois metros de altura.

–Vocês vão fazer o que com nós? – pergunta o mendigo encarando Gládio, temeroso com a resposta, sabia que se morresse ninguém daria falta mesmo.

–Não se preocupe, o que vamos fazer é muito simples. Iremos soltá-los pela fábrica onde existe um molho de chaves com todas as chaves das portas daqui, que foram jogadas em algum lugar. Se vocês conseguirem pegar as chaves e fugir... tudo bem. – responde Gládio sorrindo para o velho, que achou estranho a proposta, que parecia ser simples demais nas palavras do roqueiro.

–E se nós não conseguirmos? – o velhote pergunta intrigado.

–Isso é surpresa, só vão saber se realmente acontecer. – responde Gládio com um largo sorriso, claramente escondendo que coisa boa não era.

Zé maluco, mais eufórico do que nunca, levanta o velho negro o desamarrando, em seguida começa a desamarrar o outro.

–Estou muito animado pessoal, muito animado mesmo. Quando nos encontrarmos depois, tenho certeza que vamos nos divertir muito. Podem acreditar. Bem... Pelo menos eu vou me divertir. – fala rindo em seguida, não se contendo de emoção em caçar os velhotes, ainda mais com a surpresa que eles iriam ter ao vê-lo depois, pensou.

–Não ligue para ele, só está excitado com tudo isso. – informa Gládio, na tentativa de tranquilizar os dois velhotes. – Bem rapazes... É hora de dizer até logo. Vão! – grita jogando as mãos para frente. – O que estão esperando? Vão embora!

Os dois mendigos sem entender nada, começaram a correr pelo corredor até sumirem de vista, enquanto Zé Maluco ficava na porta do corredor tentando vê-los.

–Não estou entendendo nada. Pensei que seria orgia, mas me parece pega-pega. – André deduz confuso.

–Pode ser, mas ainda sobrou um. – disse Márcio, fazendo todos fixarem a atenção no prisioneiro que estranhamente ficou.

Gládio vira-se para Tara que não parecia se importar com os dois mendigos. Sua atenção estava fixada mesmo no que ficou.

–E então minha querida, não quer se juntar conosco na caçada? Podemos deixá-la como prêmio principal. – a abraça carinhosamente por trás dando um beijo na nuca.

–Não meu amor. Quero saborear ao máximo esse momento. Deixo os dois para vocês. Pra mim só ela interessa. – explica dando um beijo em Gládio.

–Tudo bem... Compreendo... – retribui com outro beijo. – Então até daqui a pouco. Zé, vamos embora. Zé? – estranha ao notar que o amigo ainda de costa, começava a tremer sem parar. - O que você fez? – quis saber, virando o na sua direção e contemplando o seu rosto agora modificado com pêlos crescendo, os olhos ficando amarelados e as orelhas pontiagudas, numa sinistra aparência que assustou os três em cima do teto.

–O que está acontecendo? – sussurra Márcio, não compreendendo o que fez o Zé ficar daquele jeito, enquanto se deslocava para a fenda com a vista da entrada, na tentativa de realmente comprovar a súbita mudança de aparência. – Isso só pode ser brincadeira! – fica espantado, constatando que a metamorfose era real. Sabia que os roqueiros da cidade eram esquisitos, mas isso ia além do imaginado.

–Que aspecto grotesco. Como ele ficou assim? – Flávio indaga assustado com a crescente mudança de aparência do Zé, acontecendo lá embaixo, confirmando que dessa vez o seu mau pressentimento não era só medo de fato.

–Droga! No que fui me meter? – pragueja André, inconformado com a constatação de que não era mais orgia e sim dia das bruxas.

Ao contrário deles Gládio não mostrava espanto, só indignação.

–Merda Zé! Tirou a corrente tão cedo? Assim não vai conseguir dar o tempo necessário a eles! – fala colocando a mão na garganta do amigo, o levantando no ar, furioso com a falta de modos que poderia estragar sua noite – Você, sempre apressado. – o encara nos olhos, pronto para matá-lo se precisasse.

–Desculpe... Gládio... Não consegui segurar. – justifica Zé com dificuldade para falar, devido a mão apertando sua garganta, assumindo que aprontou outra vez.

Gládio o soltou, mudando totalmente seu estado emocional de raiva à tranquilidade.

–Bem... O que se pode fazer? Vá terminar isso em outro lugar, rápido! – ordena, já acostumado com as trapalhadas do apressado amigo.

–Está bem, lá vou eu. – Zé se despede, agradecido por não ser castigado, com os braços agora bem peludos e a aparência ainda mais grotesca, enquanto corria desengonçado pelo corredor até desaparecer.

–Ele é sempre assim, não sei como o grupo o deixou entrar. – Tara questiona, não entendendo como o grupo de roqueiros, tinha aceitado um idiota no meio deles. – Esse aí, é a ovelha negra da família.

–Você está certa, mas... Digamos que não seja ovelha. – fala Gládio sorrindo para ela, que fez sinal de concordância com a cabeça. – bem meu amor chegou a minha hora, e do meu medalhão aqui. – disse tirando um cordão de prata com uma medalha em forma de estrela do pescoço, e colocando o em uma das cadeiras. – te vejo depois. – dá um longo beijo em Tara e caminha até chegar na entrada do corredor, parando e virando para encará-la. – A propósito o que vai fazer com ela?

–Bem... Digamos que vamos ficar aqui e assistir o amanhecer. – responde sorrindo para o namorado, que pela fisionomia facial sabia exatamente o que ela queria dizer com isso. – Até mais. – despede-se caminhando pelo corredor até não se ouvir mais seus passos, deixando na sala somente Tara e a pessoa de capuz.

Tara tira o capuz revelando uma jovem branca, de cabelos escorridos avermelhados indo até o pescoço, despenteados por causa do capuz, com esparadrapo na boca. A jovem a encarava com raiva, embora não pudesse mudar sua situação.

—É a maluca da Laura! — informa André, sabendo da fama de Laura, de passear a noite, no cemitério da cidade como uma alma penada, toda de preto.

—Ela é inimiga da Tara, talvez pelo fato de ser da tribo dos góticos, aqueles malucos que passam a noite nos cemitérios. — supôs Márcio, lembrando que na escola as duas sempre se odiaram, porém nunca brigaram corpo a corpo, só discutiam. Na verdade Laura era uma figura distante na escola, faltando muito as aulas, e quando aparecia causava até calafrios nos professores pelos hábitos e costumes adquiridos na turma dos góticos.

—Coitada, o que vão fazer com ela? — Flávio fica comovido, não ligando com o fato de ser esquisita ou não. Para ele, diferente dos dois, ainda era um ser humano que estava lá.

—Jogar baralho é que não é. — responde André, esperando mais algum tipo de violência por parte de Tara..

Tara sorri ao colocar a mão no esparadrapo, puxando com força da boca de Laura, que faz uma pequena careta de dor, porém continua a encará-la.

—Aposto que hoje deve ser um grande dia para você. — felicita Laura olhando fixamente para Tara, pelo fato de ser a primeira vez que ela estava indefesa diante da rival.

—Não sabe como sonhei com isso. Você vai pagar por tudo o que me fez. Hoje é o seu último dia na terra. — dá um forte soco no rosto de Laura que cospe sangue.

—A noite ainda é muito longa. Tudo pode acontecer. — fala Laura lambendo o sangue da boca.

—Será mesmo? — duvida Tara, segurando o estranho cordão vermelho com uma medalha de cruz, que estava no pescoço de Laura. — Acho que não. — responde com um sorriso irônico. Sabia que sua rival dessa vez nada poderia fazer.

Tara para saciar momentaneamente sua sede de vingança desfere outro soco na cara de Laura, e mais outro, e mais outro, até perder a consciência curvando a cabeça. Ela ainda fica admirando a situação por uns 30 segundos.

–Bem... Quando acordar, aposto que vai estar com sede, por isso, preparei uma água especial para você. Fique aí que vou buscá-la. – Despede-se amarrando Laura na cadeira com a corda que foi utilizada em um dos mendigos, para não poder fugir e depois some dentro do corredor.

3. Olá pessoal, meu nome é Laura.

O silêncio volta a reinar na sala, enquanto Flávio olhava com pena para a desafortunada jovem desacordada.

– O que vamos fazer? – pergunta preocupado em como iriam ajudá-la.

– Dar o fora daqui, é isso que devemos fazer. – responde André com a clara intenção de salvar a própria pele.

–E quanto a ela? Vamos deixá-la? –Flávio fica surpreso com a atitude egoísta do amigo.

–É lógico. Eles que são malucos que se entendam. Nós não temos nada a ver com isso, entendeu? – Márcio justifica ainda confuso com a transformação do Zé.

–Não acredito no que estou ouvindo. Vocês também viram a aparência do Zé Maluco. Se não fizemos nada, tenho o pressentimento que Laura irá morrer. – Flávio protesta repudiando a idéia de abandoná-la, ainda mais com fatos tão estranhos ocorridos na sala.

–Fique calmo Flávio, vai ver o Zé misturou maconha, heroína, cocaína e crack no liquidificador e tomou tudo num gole só, por isso ficou todo esquisito. – André inventa uma lorota para acalmar Flávio, tentando se livrar da incumbência de desvendar a estranha mutação.

–Impossível, isso não bate, ele parecia estar se transformando em alguma coisa. – alerta Flávio, descartando a explicação barata do

amigo. – Não sei de vocês, mas vou ajudá-la. – se impôs abertamente contra a omissão dos dois. Nunca dormiria tranqüilo, sabendo que aquela jovem morreu porque não fez nada.

–Escuta aqui nanico. –Marcio o puxa pela camisa, tentando dar um fim à discussão usando sua força física, pois embora não demonstrasse claramente, estava bastante assustado com os acontecimentos. - O que vimos, sem a menor sombra de dúvida, foi a coisa mais esquisita por essas bandas, eu concordo, mas o Gládio além de ser forte, tem dois metros de altura, isso significa que pode chutar nossos traseiros sem nenhum esforço e a hora que tiver vontade. Eles são malucos, esquisitões, até aí tudo bem, mas assassinos? Duvido! Tenho certeza que tudo isso é apenas um castigo para Laura, nada mais. Até a perseguição aos mendigos deve ser uma mera brincadeira e provavelmente, a fábrica nem foi trancada também. – dá uma versão aos fatos, que racionalmente poderia ser mentira, todavia por causa do seu estado de pânico, a prioridade era sair dali antes que visse mais alguma coisa estranha, para isso teria de convencer Flávio com qualquer estória. – Então vamos embora daqui rapidinho, pois tenho o pressentimento que se nos pegarem, nos meteremos na maior encrenca de nossas vidas, entendeu nanico? Entendeu? – o puxa com mais força, até ele concordar, visivelmente intimidado pelo seu porte físico. – Ótimo! Vamos descer e sair de mansinho.

Com tudo aparentemente acertado, vestem seus casacos e sorrateiramente, caminham curvados de volta por onde vieram, deixando as mochilas que serviram de tapetes, para outro dia serem pegadas. Depois descem pela prateleira que subiram, tentando não fazer barulho. No banheiro, Marcio pede baixinho que fossem cautelosos e rápidos, evitando serem surpreendidos pelo retorno de Tara, ou dos dois homens que a acompanhavam.

Ao chegar na sala, observam Laura ainda desacordada com a cabeça curvada para baixo, no entanto Marcio demonstrava indiferença com a sua situação, preferindo ficar na entrada do corredor, concentrado em ouvir o menor barulho que fosse, tentando não ser surpreendido com a chegada dos roqueiros, enquanto seu irmão estava atrás dele, esperando um sinal para fugir dali.

Já Flávio, não demonstrava preocupação com nada disso, preferindo observar com muita pena a jovem. Não suportava a idéia de deixar um ser humano morrer, tanto é que começou a se aproximar dela, sem que os seus amigos percebessem, vendo que da sua boca pingava sangue,

fruto da surra que levou, na verdade começou a analisar aquela indefesa moça de pele muito clara, com a face tampada pelos cabelos avermelhados, notando que algumas pontas e mechas eram negras, indicando que o vermelho devia ser pintura. Ergue a mão vagorosamente ao encontro da boca da jovem, com a intenção de pelo menos limpá-la do sangue, já que não poderia libertá-la, mas um som familiar o faz parar.

–Flávio! O que está fazendo? Quer nos meter em encrenca? – sussurra advertindo o amigo André.

–Só quero tirar o excesso de sangue da boca dela. – justifica surpreso com a sua chegada. – O que tem de mais?

–O que tem demais? Imagine se ela acorda e grita, pensando que você vai machucá-la também? Nós estaremos fritos. – alerta colocando a mão no ombro do amigo. – Cara, não se preocupe, eles devem ser colegas. Isso é sadomasoquismo ou coisa parecida, você sabe que Laura sempre teve um parafuso a menos na cachola, principalmente com aqueles lances de passar a noite no cemitério. Ela deve ter até concordado em fazer o papel de prisioneira aqui. – mostra uma retorcida visão dos fatos, tentando imitar o irmão, que anteriormente convenceu Flávio a ir embora. Também observa o corpo da gótica, sentindo surgir um velho desejo, que o fez se curvar para vê-la melhor. – E tem seios pequenos, mas olhando bem... Hei, parecem fofinhos, vamos ver? – aproxima a mão de um dos seios de Laura para tirar uma casquinha da situação.

–Não faça isso! – protesta Flávio segurando seu braço, entendendo a intenção do amigo em se aproveitar da condição indefesa da jovem, para satisfazer sua puberdade.

–Calma, ela nem vai saber mesmo. – André aproxima a mão até quase tocá-lo.

–Hei pivetes! O que estão aprontando? – Márcio pergunta enfurecido puxando o irmão sem vergonha pelo braço. – Agora não é hora de pensar nisso! A barra está limpa! Vamos cair fora daqui, antes que alguma coisa ruim aconteça. –adverte, temendo haver surpresas como por exemplo, Laura recobrando a consciência.

–Desculpe, só queria tocar em seus seios. - André tenta justificar ainda sendo puxado pelo irmão.

–Continue satisfeito apenas com a revista Sexy maninho. – se irrita com sua imprudência, pois mesmo sabendo da encrenca que haviam se metido, continuava a pensar somente em sexo.

Os dois irmãos chegam até a entrada do corredor, onde sentem a falta de Flávio, que não os acompanha insistindo em observar a jovem.

–E você Flávio? Está esperando o que? Vamos embora daqui! – Márcio esbraveja revoltado por não conseguir fazer uma coisa tão simples, sair dali sem que um dos moleques atrapalhasse.

–Tem certeza que devemos abandoná-la? – o adolescente hesita outra vez em partir com pena da indefesa jovem.

–Claro que tenho, vamos logo! – ordena de saco cheio com a sua rebeldia.

–Não aceito isso. – protesta inconformado pela a falta de humanismo dos seus colegas.

Tais palavras fazem com que Márcio caminhe na direção do adolescente, rangendo os dentes pela vontade de dar uma porrada nele.

–Você escolhe. Ou vem conosco consciente, ou vou dar uma cacetada nessa cabeça de vento, deixando-o apagado como ela, e carregando-o daqui. – ameaça já perdendo a paciência por ele não entender que se levassem a jovem, com certeza seriam perseguidos pelos roqueiros, assim que notassem sua falta.

–Mas... - antes que pudesse completar a frase, Márcio o puxa com força pelo casaco, cansado de perder tempo com a discussão.

–Mas nada. – completa enfurecido, arrastando o adolescente até chegar onde estava André.

Com os três finalmente juntos, começam a caminhar na esperança de entrar no corredor, entretanto são obrigados a parar quando ouvem palavras de protesto vindas da sala.

–Onde pensam que vão rapazes? – pergunta Laura levantando a cabeça para ver os três, enquanto lambe o sangue dos lábios vermelhos de batom. – Olá pessoal, meu nome é Laura. – se apresenta se

prevenindo, caso algum dos rapazes tivessem o pensamento de deixá-la presa simplesmente por não reconhecê-la.

Márcio, que arrastava os dois adolescentes, pára visivelmente irritado puxando com mais força o casaco de Flávio, até encará-lo de perto rangendo os dentes, enquanto o adolescente arregalava os olhos atrás dos óculos sem saber o que falar.

–E agora Flávio? Está contente? – o empurra para dentro da sala, compreendendo que não sairia tão facilmente, enquanto andava na direção de Laura para observá-la melhor.

–Você, se não me engano deve ser o Flavio, não é mesmo? Já te vi numa das turmas da sétima série. –Laura sorri para o adolescente, que arregala os olhos admirando os traços da bela jovem de cabelos avermelhados. – E vocês são os irmãos Márcio e André. – dessa vez olha sério para os dois percebendo que por eles, ficaria presa à própria sorte.

–Que bom que se lembra da gente. Mas estamos com um pouco de pressa e temos que ir, adeus. – despede-se Marcio não querendo prolongar a conversa puxando os adolescentes, na tentativa de finalmente sair dali.

–Não vão me dizer que me deixarão presa? – Laura pergunta percebendo a fuga dos três.

–Nós? Que isso, só estamos aqui para... – André ia tentar dar uma desculpa esfarrapada, mas pára de falar interrompido pelo irmão.

–De passagem, só de passagem e se nos der licença, boa noite. – completa Márcio demonstrando frieza, já perto do corredor.

–Bem, isso não importa mais. Vocês estão encrencados agora. Correm os mesmos perigos que eu, e se não me soltarem dificilmente chegarão inteiros em casa. – informa pouco se importando de onde vieram ou o que estavam fazendo na fábrica, apenas sabia que eram a única chance de escapar e não os deixaria fugir tão facilmente.

–Fique calma Laura, tudo isso é só uma brincadeira, você vai ficar bem, acredite. Eles só querem lhe aplicar um pequeno castigo, nada mais. – André dá a mesma explicação doida, usada para tentar

convencer Flávio, porém dessa vez descobriu no sorriso irônico de Laura, que não funcionou.

–Está enganado, eles vão me matar. O que deve também acontecer com vocês caso os peguem. Rápido, me tirem dessa porcaria de cadeira, pois o tempo está se esgotando não compreendem? – Os adverte com seriedade, fazendo Márcio supor que seria em relação à caçada, ou a estranha transformação do Zé maluco.

–Escuta Laura, você é pirada e eles também, cedo ou tarde vão se entender naturalmente. Quanto a nós, não temos nada a ver com isso, só queremos dar o fora daqui, só isso. Vamos guris. – Márcio encerra a conversa puxando novamente os adolescentes. Achava impossível acreditar na suposta metamorfose do Zé, ou mesmo se a caçada aos mendigos terminaria em morte, todavia, se almejava chegar em casa sem nenhum arranhão, teria de se preocupar consigo mesmo.

–Não podemos deixá-la Márcio, ela é apenas uma garota, temos que levá-la conosco. – protesta Flávio fazendo força para não ir com ele, trazendo à tona mais uma vez seu censo humanitário em relação a jovem.

–Flávio, chega dessa conversa sem futuro! Vamos embora! – dessa vez nem dá ouvidos, continuando a puxá-lo na direção do corredor.

–Cruzem a porta e eu gritarei! – ameaça Laura fazendo-os parar.

–O que disse? – Marcio vira-se para encará-la, temeroso com a chantagem, pois a pior coisa que poderia acontecer seria os roqueiros saberem da sua presença na fábrica.

–Você é surdo? Vou dar um berro tão forte que eles escutarão e depois todos nós morreremos. – ameaça com bastante autoridade.

–E como vai conseguir gritar depois que eu lhe arrebentar a boca? – Márcio também ameaça, transtornado com a chantagem.

–Não se preocupe, antes de chegar aqui, o berro já vai ter saído. E então, prontos para morrer meus amores? – Laura percebe no rosto dele o pavor provocado pelas suas palavras.

–E como sabe se não vou deixá-la desacordada no momento em que for soltá-la? –Márcio volta a fazer ameaças, relutando em dar o braço a torcer.

–Pelo simples fato de que será o Flávio que vai me desamarrar, e não você. Agora se não quiserem perder mais tempo, Flávio venha aqui e, por favor me solte. – seus olhos azuis fixam carinhosamente no adolescente, que cora de timidez.

Ele se aproxima dela mesmo com o visível protesto de Márcio, que naquelas alturas não podia fazer nada. Depois de ser desamarrada pelo adolescente, Laura levanta o encarando de modo sedutor e bastante íntimo, enquanto tenta hipnotizá-lo com sua postura cativante.

Flávio acha familiar o jeito de olhar da gótica de rosto sedutor e maxilar largo, estilo europeu, embora nunca tivesse falado, ou sequer reparado na sua presença na escola. Ele também sente que os lábios da jovem tocaram seu corpo, mesmo não conseguindo lembrar quando isso ocorreu. Por um breve momento se assombra ao perceber que todo o cenário a sua volta, junto com seus amigos desapareceu, sobrando apenas ele e Laura, que o encara com um sorriso malicioso, sem se espantar com um ambiente místico e azulado que toma conta de tudo, ao contrário do adolescente, que arregala os olhos admirando-a ainda mais, duvidando se estava acordado ou apenas sonhando.

A gótica percebe não estar totalmente livre, pois continuava algemada. Gentilmente volta a sorrir para Flávio, virando-se de costas para que ele pudesse ver as algemas, e depois indica a bolsa de Tara em cima da mesa, onde estava a chave. Com o ambiente voltando ao normal, mas ainda sob transe, Flávio vasculha a bolsa encontrando o objeto e libertando-a de vez. Ela espreguiça de alívio, exibindo a pintura negra das unhas utilizada pelos góticos. Com as mãos penteia os cabelos avermelhados, partindo-o ao meio, depois volta sua atenção para o cordão vermelho no pescoço, elevando a mão instintivamente para tirá-lo, mas hesita em fazê-lo temendo as consequências. Então direciona novamente seu olhar de forma graciosa para o enfeitado Flávio que ostentava para estranheza dos amigos, uma cara meio abobada.

–Flávio me faça um último favor. Tire esse cordão do meu pescoço. – pede chegando mais perto.

–Cordão? Mas que cordão? –Flávio se confunde, com o raciocínio prejudicado pelo estado hipnótico.

–É esse daqui. – aponta com o dedo evitando tocar no cordão vermelho com uma medalha em forma de cruz.

–Não entendo, por que você não o tira? – André estranha o inusitado pedido feito por Laura, sem falar na abobada expressão facial do amigo.

–Rápido! Tire-o já! – Laura ordena forçando Flávio a obedecer com seu hipnótico olhar, antes que todos desconfiassem ainda mais.

Acatando finalmente a ordem, ele eleva suas mãos na direção do tal cordão, porém antes que pudesse tirá-lo, todos se assustam ao ouvirem sons de passos chegando perto do corredor.

–Droga! Tem gente vindo aí. Se escondam! – Márcio avisa em voz baixa.

–Rápido Flávio tire essa porcaria de cordão! – Laura ordena com raiva, temendo perder a chance de livrar-se finalmente do maldito cordão. Todavia Flávio parece confuso, sem saber qual das ordens seguir.

–Se escondam! – impôs Márcio, antes de se encostar à parede à esquerda do corredor junto com André, já prevendo quem seria a pessoa que estaria retornando à sala.

–Inferno! – pragueja Laura obedecendo à ordem, ficando junto com o adolescente na outra parede. Flávio aos poucos volta a si, e estranha tudo como se tivesse acordado naquele instante, deduzindo que a jovem tinha feito alguma coisa com ele.

Nesse meio tempo eles notavam que os sons dos passos vinham acompanhados pela voz conhecida de Tara. A gótica percebendo a volta da rival, pega um pedaço de pau dos restos de uma cadeira próxima, aguardando a hora da vingança.

–Espero que você tenha acordado, pois trouxe sua água predileta. – Tara fala saindo do corredor e dando mais quatro passos antes de parar assustada, devido ao fato da cadeira onde se encontrava sua prisioneira, estar vazia. – Laura querida? – pergunta observando a cadeira, sem perceber a presença dos quatro atrás dela, perplexa com o aparente sumiço.

–Estou aqui meu amor. – Tara ensaia se virar, mas era tarde demais. Laura desfere com violência uma paulada na sua cabeça, fazendo-a desmoronar inconsciente, junto com o copo que espalha toda água no chão.

Sem vacilar a gótica levanta novamente o pau para dar o golpe final, porém é impedida por Márcio e Flávio, espantados com a violenta atitude.

–Ficou louca? Se bater novamente vai matá-la. – protesta Flávio ainda meio desorientado, evitando que Laura tentasse dar mais uma paulada em Tara.

–Larga isso! – Márcio tira o pedaço de pau da sua mão o jogando longe. Ele entendia até certo ponto sua sede de vingança, pois queriam matá-la também, mas não permitiria que ninguém machucasse sua querida Tara, mas do que estava agora.

Frustrada, Laura os encara respirando ofegante, cheia de vontade de quebrar o pedaço de pau na cabeça deles por interromperem sua vingança, enquanto André se aproxima retendo sua atenção em Tara, desacordada sangrando na nuca.

–Por que me impediram seus idiotas? – esbraveja furiosa por não compreenderem o perigo que Tara representava.

–Você ia matá-la, não entende? – Flávio agora totalmente consciente, estranha a moça antes de olhar sedutor e carinhoso, tenha se tornado de uma ora para outra fria e cruel, a ponto de tentar matar uma pessoa indefesa.

–É o melhor a fazer. Se continuar viva, nós podemos morrer. – ela o encara de perto, o deixando temeroso com as intrigantes palavras.

–Morrer? É só uma garota, você é que me parece mais perigosa. – Márcio fica assustado com a grande raiva demonstrada por Laura em relação à Tara.

–Fala isso pelo fato de ser apaixonadinho por ela, pensa que pode me encantar? – agora atingi seu ponto fraco o deixando constrangido por todos na sala conhecerem seus sentimentos. Não se espantaria se a escola inteira já soubesse também, deduz o envergonhado Márcio. – Acredite amigo, ela tem o poder de nos eliminar. Devemos assassiná-la

nesse momento. – Laura adverte tentando fazê-lo compreender que seu amorzinho não era de confiança.

–A Tara vai nos matar? Mas é apenas uma menina? Como faria? – quis saber André duvidando sobre a veracidade daquelas palavras. – por que não nos conta esse segredinho Laura? – ironiza a pergunta esperando alguma lorota com a intenção de camuflar a sede de vingança.

A gótica se vê sem saída para tentar convencê-los, sobrando apenas uma alternativa, revelar a terrível verdade. Por um momento fica observando os três, enquanto analisa quais palavras ia utilizar, aumentando ainda mais a tensão na sala.

–Tudo bem. Ela é um lobisomem. Pronto, falei. – Laura conta tudo de uma só vez.

–O quê? – Márcio se espanta com a notícia. – Só pode ser brincadeira. – ri consigo mesmo, pensando que só os roqueiros usavam drogas, mas agora teria de incluir Laura na lista. Ou talvez estivesse inventando aquela baboseira para convencê-los a ajudar no seu plano de vingança.

–É isso mesmo, podem confiar. – Ela confirma séria, todavia ninguém parecia acreditar numa só palavra.

–Já sei, se Tara é um lobisomem... – disse André colocando a mão no queixo para pensar. – Você deve ser a chapeuzinho vermelho! Então a questão é, onde estão os doces da vovó? – faz piada com o fato. Acredita em muita coisa, mas estória de assombração e lobisomem não fazia parte delas. Com certeza socaram a cabeça de Laura com muita força na parede, supôs.

–Não brinque fedelho! Pode parecer loucura, mas é a pura verdade. – Laura se irrita.

–Ela pode ter razão. Nós vimos o Zé maluco ficando todo esquisitão, lembra? – informa Flávio à Márcio, demonstrando ser o único a acreditar em Laura, mesmo sem estar sob transe.

–Ora Flávio, não vá você acreditar nisso? Laura usou drogas demais, só isso! – Márcio não aceita a opinião, pois o adolescente devia estar gamado na gótica ou coisa parecida para acreditar naquela maluquice.

–Flávio é o único de vocês com cérebro, seus retardados. Não só ela é lobisomem, os outros dois também são e já devem ter se transformado. – tenta mostrar a gravidade da situação.

–Está certa Laura, todos são lobisomens, todo mundo é lobisomem hoje. – Márcio se contém para não rir, enquanto seu irmão caía na gargalhada, deixando Laura ainda mais irritada. – Pare de rir André. Os lobisomens estão por toda parte cara. Aposto que agora devem estar uivando para Lua desse jeito. – imita o uivo de lobo para terminar a brincadeira, mas para quando um forte uivo suplanta o seu, apavorando a todos.

O som inesperado os deixou atônitos e confusos, pois o uivo era bem próximo, precisamente dentro da fábrica. Laura não demonstra o menor espanto, ao contrário, os encara triunfante e muito feliz pelos seus temores, provando que não era mais uma retardada.

–Isso é inacreditável, não pode estar acontecendo. – André fica desesperado por constatar que a noite considerada por ele a melhor do ano, seria a última da sua vida.

–O que houve Márcio? Desistiu de fazer mais piadinhas? – Laura faz uma pausa para contemplar a reação apavorada do rapaz. – É bom ir se preparando, pois caso nos peguem, rasgarão nossos corpos de tal maneira que sua principal preocupação, não será em morrer e sim quanto tempo levará para morrer.

–Ela tem razão, vamos morrer aqui. – fala o temeroso Flávio.

–Isso vai acontecer se ficarmos brincando, ao invés de nos ajudarmos. – afirma Laura para testar se tinha a confiança deles.

–Tudo bem. Agora estou com você. – concorda Márcio dando a mão à palmatória. – Qual é o plano?

–Bem... A primeira coisa a fazer, é alguém tirar o cordão do meu pescoço. –ordena com a autoridade ganha por Márcio.

–Essa frescura de novo? O que ele tem de tão importante? – André questiona sem entender como a solução de todos os problemas estava no famigerado cordão.

–Por quê não tira você mesma? – indaga Márcio, estranhando a razão dela pedir para os outros removerem o cordão, se poderia tirá-lo sem dificuldade.

–Vão começar tudo de novo? Preferem mesmo perder tempo discutindo, enquanto os lobisomens estão vindo nos matar? Tirem logo essa porcaria de cordão do meu pescoço, Agora! – Laura esbraveja revoltada, pisando com força no chão.

–Ela tem razão, não temos tempo pra isso. Se for só tirar o cordão, eu mesmo faço. – Flávio se oferece para acabar com a discussão.

–Finalmente alguém de juízo. – Laura vai na direção do adolescente. – Vamos, retire isso de mim!

O adolescente eleva as mãos na direção do pescoço da gótica com o consentimento dos dois amigos, cansados de brigar por uma coisa tão insignificante. Laura demonstrava certa expectativa em se livrar do cordão, não vendo a hora de poder finalmente agir, entretanto, no instante em que ia realizar seu desejo, Flávio é impedido por uma voz de protesto.

–Se tirarem o cordão do seu pescoço, estarão mortos em segundos. – alerta Tara sentada no chão, se recuperando da pancada na cabeça.

–Miserável! – Laura pragueja a rival por atrapalhar seus planos, agora que ia se ver livre do maldito cordão.

Mesmo sem entender o aviso de Tara, Márcio vai imediatamente ao seu encontro e a levanta do chão, envergonhado pela falta de bons modos em não tê-la socorrido anteriormente. Tara por outro lado, tenta não demonstrar espanto com a presença dele ou dos dois adolescentes, embora soubesse que mais tarde teria de resolver suas situações na fábrica, entretanto havia uma coisa mais urgente a pensar, como se vingar de Laura. Percebe não ter condições de ficar em pé sozinha, preferindo continuar apoiada no rapaz, que talvez pudesse até usar a conhecida paixão dele por ela, para virar o jogo ao seu favor. Ele parecia estar feliz, esquecendo um pouco dos perigos que corria, ao sentir o gostoso perfume de jasmim do seu grande amor, momentaneamente em seus braços.

–Eu ouvi um pouco a conversa de vocês. Se me acham um monstro, uma predadora cruel, é porque não conhecem a ordinária da Laura, ela

sim é uma assassina fria e dissimulada. Já mata pessoas há muitos anos, tantos anos que não eram nem nascidos quando começou. – informa Tara melhorando da tontura a ponto de ficar de pé sozinha.

–Laura, eu não sabia que você era tão velha assim. – fala André intrigado, porém ela não responde, apenas transparece no seu rosto, uma tensão causada pelas estranhas acusações de Tara. – Pelo menos está bem conservada. Ainda deve dar um bom caldo. – brinca observando de cima a baixo o corpo da gótica.

–Não compreendo, ela é mais velha do que eu? – pergunta Márcio confuso, enquanto analisa o rosto bastante jovial de Laura. –Achei que tinha dezessete anos.

–Ela é mais velha que esses moleques ou você e eu. É mais velha do que nossos pais. – fala Tara olhando seriamente para a nervosa Laura. – E então Laura, você diz a eles ou eu conto... Queridinha. – pergunta sorrindo triunfante, ao perceber a expressão desesperada da rival com os estragos que a revelação causaria.

–Ora, eu não acredito que vocês estão caindo nessa conversa fiada. – Laura esbraveja tentando desviar o foco do assunto. – Não percebem que ela está tentando ganhar tempo com essa estória maluca, esperando a chegada do Gládio ou do Zé? – esbraveja ainda mais. – Vamos matá-la e ir embora daqui.

–Matá-la? –Flávio fica espantado com a volta da solução radical.

–Isso mesmo Flávio. – vira-se para encará-lo. – Você é muito criança para entender, mas se não fizermos, ela irá contar aos outros. Vou pegar aquele pau de cadeira, arrebentar na cabeça dela e depois dar o fora daqui. – conclui indo na direção da madeira usada para bater na Tara.

–Espere um momento. – ordena Marcio segurando Laura pelo braço, ao perceber sua manobra para fugir do assunto. – Antes disso, não é melhor nos contar o segredo que Tara falou? – indaga curioso em saber qual seria a próxima revelação da noite.

–Solte-me! – Laura se sacode se livrando de Marcio, buscando esconder sua aflição ao perceber a vitória de Tara, destruindo de vez a recente confiança obtida por ela. – Isso tudo é loucura, vamos matá-la

logo. – protesta inutilmente, já prevendo que a verdade fosse emergir a qualquer instante.

–Então não quer falar? Tudo bem, eu conto. – disse Tara pronta a revelar tudo. – Nossa querida Laura, é uma vampira! – fala bem alto.

André e Flávio cercam Laura, espantados com a revelação.

–Você é vampira de verdade? – quis saber Flávio sendo fitado com nervosismo pela gótica. Agora compreende a razão de estar tão esquisito anteriormente. Provavelmente foi hipnotizado, pois já vira vampiros realizarem hipnose pelo menos nos filmes da TV.

–Você bebe sangue que nem mosquito? – pergunta André, curioso com o fato de numa mesma noite, conhecer uma vampira e um lobisomem. Talvez pudesse tirar alguma coisa proveitosa da noite perdida, levando as duas ao programa do Ratinho.

Laura permanece inerte sem sequer ensaiar uma resposta, até começar a gargalhar para espanto geral.

–Sim que legal, sou uma vampira. – debocha numa última tentativa de sair daquela incômoda situação. – Até parece que isso é mesmo verdade. Se vão acreditar nela, então cadê os dentes pontudos que não tenho? – abre a boca apontando para seus dentes comuns, iguais ao de qualquer ser humano. - Por quê não me transformo em um morcego e saio voando daqui? Sabe, até seria bom ser vampira, assim não precisaria ficar aqui ouvindo esse monte de baboseiras. – conclui notando que a expressão facial de Márcio lhe dava razão, com base nos seus argumentos.

–Em parte ela está certa. Se for mesmo vampira, por que não vira fumaça e foge? – questiona Márcio observando-a da cabeça até a ponta dos pés, baseando-se nos filmes de terror para comparar se poderia ser mesmo uma vampira ou não.

–É muito simples, o cordão que ela tanto pede para tirar do pescoço contém uma magia que anula seus poderes. Além disso, tenho uma maneira de provar. Peguem na minha bolsa meu espelho e terão uma surpresa, ou melhor, passem no seu rosto um pouco da água que está no chão. É água benta. – responde Tara.

–Isso é besteira! – Laura protesta novamente, compreendendo estar num mato sem cachorro.

–Cale a boca! – ordena Márcio silenciando-a, disposto a colocar o assunto à prova. – Se o que diz é verdade não tem nada a temer. Não é mesmo Laura? – a encara com seriedade enquanto ela demonstrava hesitação, confirmando para ele que naquele angu tinha carço.

Já André, bastante curioso em comprovar a veracidade daqueles fatos, caminha até a bolsa, abre e pega o espelho. Ao se aproximar de Laura posiciona o espelho na sua direção, tomando um grande susto.

–Caramba! Ela não possui reflexo. – espanta-se, continuando a passar o espelho pelo corpo de Laura, que não esconde o visível incômodo com a curiosidade do adolescente.

Márcio tira o espelho da mão de André, comprovando por si só ao apontar para a gótica, que Tara estava certa. Por não ter reflexo era realmente uma vampira.

–E então, o que tem a dizer? – fita Laura, após colocar o espelho de volta na bolsa, sabendo que não havia outro caminho para ela, a não ser admitir a terrível verdade.

–Está bem – disse em voz baixa, sem nenhuma expressão na face, dando finalmente o braço a torcer. – Eu sou uma vampira. Contentes agora?

–Por que não contou desde o começo? – pergunta Flávio ficando ao seu lado com um olhar carinhoso de pena, pois apesar de tudo, continuava a sentir uma inexplicável afinidade por ela.

–Ora... Porquê incomodá-los com uma coisa tão insignificante. – dá de ombros buscando desviar-se dos olhares de todos, evitando revelar o verdadeiro motivo do segredo.

–É tão insignificante que poderia custar a vida de vocês assim que tirassem o cordão. – Tara fala confiante na possibilidade de convencê-los a por um fim na vida da rival.

–Mas que motivo teria para nos matar? Nós estávamos ajudando-a. – indaga Flávio, novamente deixando sua até então desconhecida afinidade por Laura falar mais alto.

–Por um motivo simples, vocês sabem sua verdadeira identidade. Os vampiros têm o lema de eliminar todos os que descobrem sua existência, incluindo vocês. – informa Tara, satisfeita com as feições de todos, que demonstravam estar claramente acreditando nas suas palavras.

–Que absurdo! – Laura tenta se defender, notando que o jogo mudou desfavoravelmente de rumo. – Juro que nunca tive a intenção de matar vocês. – mente descaradamente, embora seu olhar revelasse a verdade. Antes havia dúvidas se realmente deveria assassiná-los, pois não sabiam da sua identidade sobrenatural. Poderia, até mesmo hipnotizá-los para que esquecessem daquela noite, mas agora por conhecerem o segredo, teria que acabar com suas vidas custe o que custar.

–Se for verdade Laura, pode dizer isso três vezes? – André brinca adorando seu estado de pânico.

–Pirralho desgraçado! – grita furiosa, caminhando na sua direção.

–Hei, o que vai fazer com o meu irmão? – Márcio a empurra. Poderia machucá-la sem dó, se fizesse alguma coisa com André, como sugar seu sangue ou coisa parecida, afinal ainda caía nela as acusações de planejar matá-los na primeira oportunidade, além de ser uma criatura das trevas, inspirando pouca confiança.

– Tudo bem Laura. Vamos dizer que a intenção de não matá-los é realmente verdadeira. Quero ver se tem a cara-de-pau para me desmentir agora, sobre um outro fato que vou revelar. – Tara a desafia, percebendo a boa chance de dar o cheque-mate no assunto, contando um acontecimento tão bombástico, que os três não pensariam duas vezes em assassiná-la. – Diga que nunca sugou o sangue desse pirralho chamado Flávio.

–O quê? Sugou meu sangue? – Flávio recua perplexo pela revelação, seguido pelo olhar de Laura, temerosa com a sua reação, principalmente quando ouvisse a estória completa.

Os três ficam tão surpresos, que Tara percebe ser a hora certa para finalizar o cheque mate, não deixando alternativa a eles, se não a de matar Laura, pelo perigo que tentava fazer todos acreditarem que a vampira representava. Para tanto, se aproxima do confuso Flávio,

segurando e puxando a manga do casaco direito, exibindo seu braço desnudo. Aponta com o dedo indicador, na direção de dois pequenos pontos negros alinhados em cima de uma das veias sanguíneas, enquanto ele olha confuso sem entender sua verdadeira intenção.

– Está vendo esses dois pontinhos aqui? – faz uma pausa para encará-lo nos olhos, com a finalidade de deixá-lo mais assustado. – São mordidas de vampiro ou melhor, mordidas da Laura. – ainda nota na sua expressão facial, sinais de descrença. – Se não acredita olhe só, tem mais no seu braço. – mostra mais pares de pontinhos, sempre em cima de uma das veias sanguíneas. – Quer apostar que no outro braço também tem? – puxa a outra manga do casaco revelando no braço esquerdo, mais pontinhos pretos.

Flávio fica atônito enquanto observa os vários pares de pontos negros nos braços. Antes pensou serem marquinhos sem importância, porém naquela noite tem a triste constatação de que estava sendo usado como alimento por Laura há vários anos ou pior, sua família também poderia fazer parte do cardápio.

– E então, ainda acha que é pura coincidência os pares de pontos negros sempre em cima das veias, e em ambos os braços? – Tara sorri em triunfo ao perceber a falta de resposta de Flávio para contestar suas provas. – Outra coisa importante, essa simpatia pela Laura, nada mais é do que longas horas de hipnose, onde Deus sabe o que fez com você. – completa feliz ao notar o ódio surgir no olhar do adolescente.

Aquelas evidências deixam Márcio nervoso, a ponto de caminhar na direção de Laura com os punhos fechados, enquanto a vampira não consegue esconder o crescente medo, constatando que todos visivelmente estavam contra ela, até o paralisado Flávio que outrora a defendeu, parecia bem zangado após saber de tudo.

– Laura, isso é verdade? Você teve mesmo a audácia de fazer uma coisa dessas? – o rapaz a encara pronto para explodir, ao contrário dela que recua assustada com a sua reação.

A vampira visivelmente hesita em responder, temendo as consequências do que falasse. Sabia que sem os seus poderes sobrenaturais, poderia ser facilmente morta por qualquer um da sala. Tara, que também sabe disso, fica ao lado de Márcio pronta para

colocar a última azeitona na empada, culminando no provável falecimento da rival.

–Agora entende porquê não gosto dela. Laura assassinou várias pessoas do meu grupo, assim como matou muitos seres humanos. – informa percebendo pela face do rapaz, que obedeceria a tudo o que fosse ordenado. – Imagine o que pode ocorrer se a deixarmos sair daqui? Pense no que acontecerá com sua família? Se é que já não sugou o sangue deles também. – faz uma pausa notando o olhar sério de Márcio com a sua suposição. – é necessário tomar uma solução radical nesse momento. – Tara compreende ser a hora certa para falar a palavra matar.

–Isso é mentira Márcio. Nunca toquei em ninguém da sua família, eu juro! – dessa vez a gótica fala a verdade embora note o pouco valor das suas palavras naquele momento, pois Márcio parecia acreditar mais em Tara, seu grande amor, do que nela rotulada como uma sanguessuga cruel.

–Como vou saber Laura? Todos os fatos apresentados vão contra você. Além do mais é uma vampira, pode muito bem nos matar sem remorsos, e por quê não mentir? – Márcio a questiona demonstrando estar de acordo com Tara.

–Isso mesmo Márcio, sua família corre perigo, não se permita enganar com essas mentiras. Se deixá-la ir, vai se arrepender pelo resto da vida, especialmente quando encontrar seus pais mortos. Você tem que tomar a decisão de homem, acabando com a vida dessa vampira. – propôs notando que Márcio arregalou os olhos com a solução.

–Assassiná-la? Eu nunca matei ninguém. – confessa temeroso em ter a morte de Laura nas costas. Nem gostava de matar passarinhos com seus colegas, quanto mais uma criatura das trevas de aparência humana.

–Não se preocupe, ela é uma morta-viva. O espelho não reflete mais sua imagem, porque simplesmente já faleceu. Sendo assim, não é assassinato matar alguém que não está mais vivo, compreende? – Tara argumenta para convencê-lo a deixar o remorso de lado. – Quando matá-la, ela vai virar fumaça como nos filmes de monstros e desaparecer. Confie em mim, depois você nem vai lembrar disso. – busca mostrar que eliminar Laura seria igual a matar um passarinho.

–Mentira! Se me ferir, sangro como qualquer ser humano. Você sabe que não sou a maior ameaça aqui, Tara sim. – Laura contra-argumenta em vão, constatando a fisionomia rígida e resoluta do rapaz, desfavorável à ela. Prevendo o pior, tenta hipnotizá-lo como fez com Flávio, mas seus poderes limitados não funcionam com uma pessoa tão zangada.

Consciente sobre o que fazer, Márcio vai na direção do pedaço de pau, enquanto Laura engole a seco a sua decisão de assassiná-la. Num último ato de desespero ensaia uma fuga, mas Tara se adianta a impedindo.

–Nem pense em escapar ou eu mesma te arrebento. – Tara sabe que até ela poderia eliminar a vampira, porém prefere assistir de camarote o rapaz realizar todo o trabalho.

–Mano, o que vai fazer? – André indaga surpreso que uma morte fosse acontecer naquela noite, ainda mais pelas mãos do irmão.

– O necessário para segurança de nossa família. – responde sem encará-lo, enquanto pega o pau do chão.

Laura observa assustada a volta de Márcio, ciente da pouca chance de escapar, porém era a idéia de morrer indefesa que a deixava mais agoniada e pior, nas mãos de um dos humanos tantas vezes considerados seres inferiores, especialmente quando os matou sem a menor piedade. Seria a ironia do destino morrer assustada, implorando por sua vida a um deles? Pensa envergonhada.

–Nunca achei que algum dia faria isso, mas pela segurança da minha família eu lamento Laura, mas irei matá-la. – Márcio aproxima com o pau erguido, pronto para acertar sua cabeça. A vampira recusando a implorar fecha os olhos esperando a paulada, entretanto a cacetada não vem.

Quando os abre novamente, depara com Flávio à sua frente a protegendo-a com os braços estendidos. Naquele instante admira o adolescente, que mesmo sem estar sobre nenhum efeito hipnótico, a defendia com a própria vida, o que nunca havia acontecido com ela, na verdade jamais fez um ato parecido nem mesmo por seus iguais.

–Ficou doido Flávio? Saia da frente! – Márcio estranha a postura do adolescente.

–Moleque, não se permita enganar, a vontade de protegê-la é o efeito da hipnose. Deixe Márcio terminar o serviço. – exclama Tara enfurecida por atrapalhar seus planos.

– Eu não estou hipnotizado. Você sim, Márcio. Já parou para pensar que Tara o está usando para fazer o trabalho sujo dela? – o fita direto nos olhos até ele recuar. – Laura é o menor dos problemas, devemos nos preocupar com os lobisomens, pois estamos na área deles, esqueceu?

–Isso mesmo mano, não seja um assassino como eles. – André intervém mostrando que a morte de Laura o transformaria num monstro também.

Márcio por um momento reflete percebendo um pouco de razão naquelas palavras, pois embora Laura fosse uma criatura das trevas, Tara também era outra criatura, só que com dois iguais a ela rondando a fábrica, ainda mais perigosos do que Laura, de poderes limitados pelo feitiço do cordão, estando desse modo no mesmo barco que eles. Seus olhos voltam a Tara, que o encarava tentando prever que mudança ocorreria, com as palavras de Flávio e André rondando sua mente. Ele nota o olhar malicioso, e o jeito dominador de instigá-lo a cometer um assassinato, utilizando contra si seus sentimentos, que ela provavelmente devia conhecer muito bem. Possivelmente seria traído pela sua paixão platônica e morreria com cara de idiota, cego de amor.

–Como você pode ter certeza de não estar fazendo isso, apenas porquê ficou gamado pela vampira? – indaga Márcio mais lúcido, tentando descobrir se o sentimento apaixonante que quase o guiou a cometer assassinato seria o mesmo a motivar o adolescente a defender com unhas e dentes Laura.

–Flávio desvia o olhar buscando uma resposta nos vários motivos possíveis, como o fato dela estar no mesmo barco que eles ou ter piedade dos indefesos, porém na verdade existia um estranho sentimento apertando seu coração, cada vez mais forte do qual não podia explicar.

–Não posso explicar, mas lhe peço que confie em mim. – dá uma resposta questionável, entretanto seu olhar sincero faz Márcio sinalizar com a cabeça, aceitando sua posição, levando em conta a admirável

nobreza que fez o adolescente se arriscar a tomar uma paulada para defender a gótica.

–Vocês devem me ouvir. Ela tem que morrer, pois já matou muitas pessoas da minha espécie e da de vocês também. Parem de perder tempo, matem ela agora! – ordena Tara apontando para Laura, desesperada com a mudança desfavorável de atitude de Márcio.

–Sua ordinária é você que tem que morrer! Pode falar essas coisas, porém quando tiver chance vai tentar nos eliminar. – exclama Laura com raiva da sua oponente.

–Você é que tem que morrer! – grita Tara.

–É você! – fala Laura

–Desgraçada!

–Demente!

–Sanguessuga!

–Cadela sarnenta!

As duas começam a se engalfinhar tentando cumprir a promessa de ambas, em matar uma ou outra. No meio disso sobram Márcio, que segura Tara e André e Flavio que seguram Laura. As duas mulheres se contorcem na esperança de dar um último soco ou chute.

–Vamos parar com essa briga! – grita Marcio conseguindo a atenção de ambas. – Pelo que vejo ninguém aqui vale nada! A única coisa que quero é sair daqui.

–Podem ir se quiserem. Eu prometo que vocês não sofrerão nada. – Tara mente tentando convencer Márcio a deixá-la sozinha na sala, onde poderia se transformar e acabar com suas vidas, pelo fato de saberem que os roqueiros eram um grupo de lobisomens.

–Isso mesmo. Soltem ela e nada vai acontecer conosco, só a inclusão no cardápio da noite. – informa Laura notando a intenção da rival.

–Nada disse Tara. Desculpe, mas terá de ir conosco. – impôs Márcio, olhando com certa ternura para a jovem, entretanto precisava ser frio ou poderia ser enganado e morrer ali.

–Não pode falar sério. Ela precisa ser morta ou vamos acabar morrendo. – Laura adverte notando que o coração de Márcio ainda falava mais alto.

–E daí, você também deveria ser morta por ser vampira. O que me garante se não vai nos matar depois? – quis saber Márcio cheio da velha conversa de matar, agora repetida pela boca da vampira.

–Tem razão. Os vampiros não são de confiança, não é Laurinha? – concorda André segurando com força a gótica, enquanto esfregava seu corpo contra o dela, aproveitando a boa chance de tirar uma casquinha.

–Larguem-me nanicos! – a vampira se sacode livrando-se dos adolescentes, ao perceber a manobra pervertida de André. – Muito bem. – arruma a sua roupa amarrotada, aliviada pelo menos com as mudanças de rumo ao seu favor. O destino evitara sua morte por enquanto, mas ainda teria que se preocupar em sair da fábrica, para tanto era necessário tomar a liderança do grupo, cessando qualquer futura tentativa de ser morta pelos seus jovens colegas. Pelo menos até poder tirar o maldito cordão e então finalmente assassiná-los, resguardando sua identidade vampiresca. – tudo bem, se querem a maneira mais difícil ótimo, mas advirto que é melhor algemá-la, pois se ela tirar o cordão de prata do pescoço, vai se transformar também e vocês já sabem o que pode acontecer.

Márcio olha para Tara e seu cordão de prata pendurado no pescoço, aceitando o proposto por Laura. André como também não queria surpresas, se antecipa pegando as algemas do chão e dando à Márcio junto com as chaves. Já Tara percebendo não ter saída, oferece seus pulsos por vontade própria à Márcio, os erguendo à frente, todavia Laura se antecipa e pega as algemas do rapaz que já estava algemando a moça, para fazê-lo da maneira correta.

–Vocês são mesmos principiantes. Qualquer indivíduo tem que ser algemado com os pulsos para trás. – reclama puxando os braços de Tara para trás com força e algemando seus pulsos. – Venha Flávio, você fica comigo. – ordena segurando seu braço, embora ele relutasse inicialmente, ela o força entendendo que era a companhia ideal, pelo fato de ser o único a não querer sua morte. – Há uma coisa que devem

saber. – faz uma pausa até ter atenção visual de todos. – O grupo de Tara usa esta fábrica para jogos, soltando mendigos ou pessoas sem famílias para caçarem quando se transformam. Já estive aqui antes e sei que existe um molho com todas as chaves da fábrica, possibilitando sairmos daqui. Normalmente alguém do grupo as joga em algum lugar, para dar uma pequena chance de fuga aos participantes humanos. Tara deve saber onde elas estão. – aponta para sua rival que a encara surpresa por conhecer tanto. Provavelmente por ser vampira deve ter espionado o seu grupo várias vezes, conclui Tara.

–Tara, onde estão as chaves? – pergunta Márcio.

–Não sei. Gládio incumbiu-se de jogá-las por aí. – responde com firmeza, não dando brecha a uma possível desconfiança do rapaz.

Laura examina sua expressão notando haver uma possível mentira.

–Não se preocupem, ainda existe uma maneira mais fácil. Os lobisomens estão caçando no primeiro andar, que é o primeiro lugar onde os mendigos idiotas tentam sair. No segundo existe uma gráfica, usada para desenhar logomarcas de latas. Lá tem uma saída exclusiva, que aposto foi deixada aberta porque sempre fica, proporcionando um jogo mais interessante aos lobisomens, que sempre gostam de deixar uma outra possibilidade de fuga, mas é claro que os mendigos não foram avisados e aposto que nossa querida Tara não ia dizer, não é meu amor? – ironiza Laura, percebendo a cara de espanto da rival por ela saber também daquela saída.

–Não sei de nada disso. – Tara dá de ombros demonstrando claramente estar mentindo, enquanto segura a raiva por Laura conhecer tanto sobre o esquema da caçada. Compreende, que depois teria de matá-los, mas agora precisava se fingir de submissa até chegar a hora certa para agir.

–Então só temos que ir lá? – pergunta Flávio querendo acreditar que tudo seria tão fácil, como parecia nas palavras da gótica.

–Teoricamente meu amor, teoricamente. – responde Laura ocultando o próprio medo, sabendo ser muito difícil que um dos lobisomens não detectassem suas presenças na fábrica. Caso isso acontecesse antes de tirar o cordão, não precisaria nem ter o trabalho de matar os adolescentes, pois morreria junto com eles. – Proponho que eu vá com

Flávio na frente e vocês ficam com Tara atrás de nós a uma distância de três metros, para o caso de encontrarmos algum lobisomem, havendo tempo para esconderem Tara que pode nos delatar. – oferece uma opção sensata na sua opinião, já que o odor familiar da rival poderia facilmente atrair um dos monstros.

4. O terrível cheiro de cachorro sujo.

Tendo a concordância de todos, Laura acompanhada por Flávio sai da sala com o objetivo de chegar no corredor principal. No meio da primeira passagem, esgueira-se junto à parede colocando metade do rosto para fora, verificando que o corredor principal estava vazio. A sua frente, no seguimento da passagem em que estava, podia ver o elevador social desligado e a porta da escadaria para a recepção do primeiro andar trancada, concluindo que não seria boa idéia tentar arrombá-la, pois corria o risco de apressar a sua morte caso fosse descoberta.

Com tudo examinado, entra no corredor puxando Flávio, que tenta não demonstrar tensão por estar na frente do grupo, ao mesmo tempo lembra dos filmes de guerra onde os soldados que ficavam na linha de frente do pelotão, eram os primeiros a morrer quando surgia algum perigo. Pelo menos estava grato pelo chão ser coberto por um fino carpete, abafando os sons de seus passos, enquanto passava pelas portas fechadas, à sua direita.

–Gostaria de saber uma coisa. – pergunta à Laura, que continuava a manter a atenção no caminho à frente. – Além de sugar meu sangue, o que fez comigo para gostar tanto de você?

A pergunta deixou a vampira tão surpreendida, que um sorriso malicioso brotou no rosto antes de responder.

–Prefiro não contar aqui, mas garanto que apreciou bastante o que fizemos. – o fitou sedutoramente mostrando que seja o que for, era bem íntimo. – Na verdade ao lembrar disso, fiquei até com uma certa nostalgia. Se nós sairmos da fábrica vivos, quem sabe não repetimos tudo de novo. – deu uma indireta aproveitando a boa chance para conquistar sua simpatia de vez, possibilitando voltar ao assunto do cordão, pois sabia que se falasse com os outros daria motivo para Tara instigar novamente sua morte.

Flávio corou com o flerte da gótica, resolvendo mudar o rumo da prosa parando em frente a uma das portas.

–Uma coisa me preocupa, e se eles estiverem dentro de uma dessas salas, prontos para atacar? – ajeitou os óculos, esperando ver qual seria a sua reação.

–Vamos pivete! – puxa-o com força irritada não com sua apreensão, e sim por mudar o rumo da conversa. – Você deve pensar que são como na televisão, homens peludos com presas e unhas salientes e sujas, latindo feito cachorro. – continuou puxando-o, só que a passos largos. – Os lobisomens têm a forma de lobos gigantesco, de no mínimo dois metros de altura correndo aproximadamente 90 quilômetros por hora. Caso entrassem numa das portas ela estaria quebrada agora. Se fosse esperto mesmo, tiraria essa droga de cordão... – aborrecida com o adolescente retornou de qualquer jeito ao assunto do cordão, todavia parou de falar ao perceber a chegada de Márcio e os outros dois, que junto com ela já estavam no fim do corredor, em frente a porta da escadaria de acesso ao segundo andar.

–O que tanto conversam? – quis saber Márcio desconfiado de que a vampira pudesse estar planejando alguma coisa contra eles.

–Nada demais. – deu de ombros, evitando revelar sua preocupação em tirar o cordão.

–Então parem! O barulho pode alertá-los. – Márcio ordena preocupado com o possível encontro com um dos lobisomens pelo falatório dos dois.

–Não se preocupem. Duvido que estejam aqui. Não gostam de sujar ou quebrar essa área. O mais provável é que estejam lá embaixo caçando os mendigos.

–Droga, e é lá que vamos agora? – pergunta André temeroso pelo que pudesse encontrar.

–Isso mesmo André. Até que para um fedelho sardento, você é bem inteligente. – Laura responde com sarcasmo, examinando as sardas no rosto do adolescente, que ficou muito irritado pela piada, mas agora era a vez dela chateá-lo um pouco depois de todas as brincadeiras que teve de agüentar ele fazer. – Flávio abra a porta e dê uma olhada nas escadas. – o puxa, não ligando para seu visível protesto.

Ele então abre a porta percebendo que havia uma segunda para abafar o som, que foi aberta bem devagar até que tivesse espaço para colocar sua cabeça na abertura. Quando isso ocorre, desloca seu rosto de maneira sutil até poder ver as escadarias de cimento vazias e quase silenciosas, apenas com o som do vento gélido passeando no local, o deixando arrepiado. Tentou voltar, mas Laura o empurra para frente abrindo caminho aos outros três, até todos estarem juntos.

Por alguns segundos eles ficam parados em frente ao primeiro lance de escadas, analisando se era seguro prosseguir. Como ninguém se mexe, Laura puxa novamente Flávio e começam a descer, pisando cautelosamente nos degraus de cimento, evitando imitar os sons de seus passos. No final do primeiro lance dobram à direita para o segundo e último, mantendo a estratégia silenciosa. À três degraus do piso do segundo andar, Laura pára vendo do seu lado esquerdo, a parede quase branca e à três metros a entrada para o conjunto de salas que incluía a gráfica, no entanto alguma coisa a incomodou.

O vento gelado que passeava no segundo andar, trazia um forte odor de cachorro sujo. Ela aumenta a força da respiração, de modo a fazer sua barriga visivelmente se contrair e expandir, buscando analisar o odor com mais precisão. Flávio percebeu a tensão da parceira, imitando o mesmo movimento, só que impulsionado pelo medo de que um dos lobisomens estivesse passeando no segundo andar.

Tomando coragem, a vampira cola suas costas na parede à sua direita junto com Flávio, se esgueirando até estar na distância certa para colocar metade do rosto para examinar o outro lado, torcendo para não ser o momento de virar comida de lobo.

Porém, apenas nota uma grande área de chão de cimento empoeirado, onde à esquerda havia cinco grandes fileiras esquecidas de latas velhas, com a distância de três metros entre cada fileira. E o lado direito livre, formava um corredor que terminava na parede ao fundo, onde ficava a entrada para o refeitório dos operários. Tudo era iluminado pelas várias lâmpadas fluorescentes do teto, que não revelavam indício de que um lobisomem tenha estado ali, a não ser o forte odor de cachorro.

Sentindo segurança, puxa Flávio adentrando finalmente no segundo andar onde caminha perto da parede esquerda, já a três metros da entrada para o outro cômodo de salas. O adolescente também examina com os olhos arregalados, o extenso e fantasmagórico lado direito,

rezando consigo, para que nenhum bicho viesse correndo dali. Chegando perto da entrada ele gruda as costas na parede igual à Laura, fazendo a preparação para espiar se a barra estava limpa. Observa que André e o irmão, ainda estão no final da escada com Tara, esperando seu avanço na fábrica.

–Flávio, é a sua vez de olhar. – Laura ordena puxando-o até ele ficar à sua frente.

–Por que só você não faz isso? Tem mais experiência que eu. – protesta em voz baixa, apavorado com a tarefa de espiar.

–É simples, como não quer tirar esse cordão de mim os direitos aqui ficam iguais. Ande! – o empurra de leve, contando com o medo para fazê-lo mudar de opinião, quanto a tirar o maldito cordão.

Sem poder contestar, Flávio gruda outra vez suas costas na parede cumprindo a penosa missão de espiar se o estreito corredor estava vazio ou não. Toma um susto ao notar que logo no início da parede do corredor à direita, havia uma marca de mão aberta feita com sangue, de visível abundância por descer da marca formando linhas verticais de vinte centímetros. Com medo, instintivamente recua, porém Laura o agarra por trás, roçando o rosto de leve no seu pescoço, arrepiando todo seu corpo. A gótica então resolve passar a frente ainda mantendo o rosto perto do pescoço do adolescente, enquanto ele tenta se afastar, deslocando a face para o lado contrário.

Flávio a encara acenando negativamente pelo mau presságio da marca sanguinolenta, no entanto, pouco se importando com o fato, ela apenas o observa admirando seus traços joviais. Ao mesmo tempo emerge uma excitação nele, enquanto a fitava, reparando nas curvas corporais da bela vampira de cabelos vermelhos e lábios carnudos. Após dez segundos, o puxa adentrando no corredor, onde no seu final pára de andar ao sentir o odor de cachorro bem mais forte, levantando suspeitas sobre a presença do lobisomem perto dali. Desconfiada cola suas costas na parede examinando uma grande passagem transversal à frente, com portas de madeira azul na parede branca à esquerda. Ao fundo, uns dez metros de onde estava, havia uma porta com as palavras departamento pessoal e no lado direito, o elevador e o seguimento das escadas do escritório.

Como tudo aparentava uma serena normalidade resolve olhar o outro, movendo o rosto até ficar a metade amostra, constatando que estava vazio também, apenas com mais portas no corredor, que a uns cinco metros dobrava à direita, onde havia pouca iluminação. Com tudo devidamente checado, dá três passos ficando junto com Flávio dentro do local examinado.

–Não entendo. Até agora não há um sinal de vida, nem gritos, nem nada. Apenas uma marca de sangue e fedor de cachorro morto. – Márcio analisa o ambiente, parando junto com todo grupo no corredor, incrédulo sobre os tão temidos lobisomens que pareciam nem estar na fábrica. – Será que eles foram embora? – pergunta querendo acreditar que a fuga poderia ser mais fácil do que esperava.

–Vocês não sabem de nada. Aparentemente sumiram, mas podem estar nos observando nesse exato momento. – Tara informa com um olhar sinistro. – Somos exímios caçadores quando transformados. Nossos inimigos nunca escapam, especialmente porque não sabem quando vamos atacar. – fez uma pausa vendo a reação assustada de todos. – Eu tinha dado uma chance de irem embora e vocês recusaram, agora se preparem para morrer aqui. – ameaça encarando Márcio, a quem tinha feito a proposta anteriormente.

–É besteira, eles não estão na fábrica. Está falando isso, apenas para nos assustar. – ele duvida não acreditando nas palavras de Tara.

–Ela está certa! – afirma Laura para desespero geral. – Os lobisomens são caçadores com o mesmo estilo dos lobos comuns, só que tem melhor astúcia. Por outro lado, não sabem que estamos aqui, isso é uma vantagem. Suponho que provavelmente a pessoa que estava sendo perseguida foi lá pra baixo. – aponta para a escada distante deles. – Até que morra, temos tempo.

–O que está dizendo? Aquela marca de sangue indica que o homem estava mais para lá do que para cá. Já deve ter morrido há muito tempo. – André contesta a sua afirmação, duvidando que bichos irracionais como lobisomens, prolongariam as vidas dos mendigos mesmo pertos da morte.

–Não faleceram ainda, pois é uma caçada. Os amigos de Tara devem estar lá embaixo se divertindo. Caso não saibam, os lobisomens são

seres cruéis e muito inteligentes não matam suas presas facilmente, ao contrário, a deixam sofrer até o último momento. – adverte Laura.

–Vampiros também! – afirma Tara olhando com ódio para a gótica, que sorriu lembrando que já havia matado vários lobisomens do grupo da rival com requintes de crueldade.

–Tudo bem. Mas como sabe que foram por aqui, e não pelo outro lado? –Márcio questiona preocupado com a possibilidade de encontrar um dos lobisomens por tomar o caminho errado.

–Pelo simples fato de que esse caminho está iluminado e o outro não. Fizemos de propósito para que os mendigos descessem lá embaixo que só tem máquina velha e os portões fechados, enquanto o outro lado fica a gráfica com a saída livre, onde os sarnentos pintam suas coisas. – explica confiante nas suas palavras.

–Não sei não, parece escuro demais. – André analisa com desconfiança o caminho que teriam de percorrer.

–Tudo bem, se quiser pode ir por este daqui. – Laura sugestiona maliciosamente as escadas à frente para ele seguir, sozinho de preferência.

·
O adolescente olha para ela e a escada, dando sinal de negativo.

–O outro lado está bom pra mim. – concorda com tristeza, pensando que de qualquer jeito estava ferrado mesmo.

–Ótimo. – a vampira conclui o assunto puxando Flávio pelo braço. – Vamos.

–Mas eu não acho melhor ir por aqui. – protesta desconfiado do caminho, ainda mais porque ia novamente à frente do grupo.

–Não discuta comigo, pirralho. – o puxa com força para o outro lado andando a passos largos até virarem à direita para a próxima passagem.

Na entrada, Flávio olha amedrontado para o corredor estreito, com portas fechadas em ambos os lados, mal cabendo duas pessoas, com uns quinze metros de comprimento e apenas duas lâmpadas acesas, e

o seu final era tão escuro que não sabia se virava para esquerda ou direita.

–Você tem certeza que eles não vieram por aqui? – pergunta com os olhos arregalados por trás dos óculos.

–Confie em mim, isso é só para assustar. – Laura ameniza observando o caminho, desejando realmente acreditar no que falou.

–Se for, estão fazendo um belo trabalho. – disse sendo puxado pela vampira.

Flavio dessa vez não conseguia segurar seu pavor, ao caminhar lentamente adentrando naquele local úmido e quente, buscando em vão ouvir o menor barulho que fosse. À medida que andava, sentia o forte odor de pêlo de cachorro, misturado ao ar abafado tornando cada passo um martírio. Outra coisa preocupante era o aparente final do corredor, tão escuro que um lobisomem poderia estar ali sem ser notado, apenas esperando o jantar. Virou-se já na metade do caminho, observando seus amigos a uns três metros de distância prontos para fugir, ao contrário dele que seria o primeiro a morrer no caso de ataque. Mais perto do final, agradeceu à Deus em pensamento, ao constatar que o corredor apenas fazia uma curva para esquerda. Laura com a mesma tensão recebe uma brisa no rosto trazendo um odor de cachorro tão forte, que vira a cara para não encarar o vento de frente.

–Flávio... – ela fala baixo aproveitando o ambiente nefasto e o visível estado de pânico do seu jovem colega, para tentar retirar o cordão do seu pescoço, possibilitando uma fuga segura a ela, antes que encontrasse algum lobisomem.

–Sim... – responde sem tirar os olhos do ponto em que o corredor virava à esquerda.

–Acho que estou com um pressentimento ruim. –revela apertando ainda mais o seu pulso, aumentando a tensão do adolescente.

–Tem certeza? – pergunta torcendo que fosse mentira.

– Tenho. –coloca um tom bem agourento para vê-lo engolir à seco a resposta

–Você disse que não havia perigo. – fala indignado, por fazê-lo acreditar que aquele caminho escuro e fedorento seria a saída mais fácil dali. Para piorar, é forçado pela vampira a parar a meio metro do ponto onde o corredor dobrava à esquerda, aumentando ainda mais sua preocupação.

–É melhor tirar o cordão do meu pescoço antes que seja tarde. – se vira para encará-lo, mesmo que só conseguisse ver a silhueta dos óculos na forte penumbra. Talvez o ambiente nada favorável fizesse o adolescente realizar seu pedido, supôs.

–Você teria alguma vantagem se eu fizesse isso? – pergunta pensando seriamente na possibilidade de libertar a vampira, pois se encontrasse um lobisomem naquele corredor estreito, não haveria escapatória.

–Entenda uma coisa Flávio, vampiros são mais fortes que lobisomens. O que significa que eu sou mais forte do que eles. – Laura tenta convencê-lo que todos os problemas estariam resolvidos depois que tirasse o cordão.

–Você é muito poderosa? – pergunta notando a mudança da sua expressão facial, trazendo certa desconfiança sobre a sua verdadeira intenção.

–Sou. – responde com convicção, deduzindo que agora daria o braço a torcer e finalmente a libertaria.

–Se for assim, o que me garante que você não vai me matar? – essa era uma pergunta chave, pois Tara havia advertido como Laura era uma vampira fria e dissimulada, e ainda pior, por saber da sua identidade sobrenatural ela teria de matar a todos após tirar o cordão.

–Não tenho motivo para fazer isso. – mentiu. Embora tivesse adquirido algum carinho pelo adolescente, principalmente por ter salvado sua vida, nada mudaria seus planos já traçados. No máximo daria uma morte rápida a ele.

–Nós sabemos o que você é, também sabemos onde estuda, talvez até onde mora. – Flávio nota que tais palavras a incomodaram. – Isso não seria motivo? – a observa procurando outra reação negativa.

Laura olha para ele sem dar resposta, com medo de que percebesse sua real intenção.

– Não, isso não seria motivo. – mente novamente, só que de forma grosseira.

Perplexo, o adolescente constata que Laura provavelmente faltou com a verdade na maioria das suas respostas, principalmente quanto ao fato de não querer matar. Talvez fosse mais terrível do que os lobisomens que nem chegara a ver, deduz.

–Muito bem, faço o que me pede se você prometer ou melhor, der sua palavra de honra, que não vai tentar me matar, ou aos meus amigos em hipótese alguma. – fez outra pausa analisando sua face. – Se fizer isso tiro o cordão do seu pescoço. – promete, lembrando ter visto nos filmes de vampiros que por serem uma espécie nobre, sempre mantinham a palavra quando a davam sobre qualquer questão, pelo menos na teoria, porém valia a pena tentar para ver no que dava.

No entanto para sua surpresa, Laura sequer contesta, apenas desvia o olhar dando um passo à frente.

–O que houve? Por que não responde? – pergunta intrigado com a ação inesperada da gótica.

–É simples, não gosto dessa desconfiança. – responde friamente dando mais um passo, irritada com a sua astúcia. Caso desse a palavra de honra, teria mesmo de deixá-los partir, fato imperdoável para qualquer outro vampiro daquelas bandas.

–Eu só quero...

–Chega de papo. Se quiser assim, vamos fazer do seu jeito. – o interrompe concluindo o assunto, percebendo a inutilidade da discussão.

Agora sem se falarem, chegam no ponto em que o corredor vira à esquerda. Flavio fica atrás de Laura, que sorrateiramente espia para ver se havia alguma coisa estranha. Por um momento ele a analisa, percebendo uma jovem magra, um pouco pálida demais, toda de preto e com aquele ar mortal, misturado a uma dose de fragilidade, coisa que o deixava excitado mesmo sendo muito novo. Ela, notando que não havia perigo, se vira para encará-lo ainda com raiva da desconfiança demonstrada, em seguida o puxa com força. O adolescente fica

transtornado por constatar mais um sofrível corredor de dez metros de pouca iluminação, fedendo a cachorro sujo, onde gasta dois longos minutos para completá-lo. No final, vira à direita se deparando com um lance de escadas de seis degraus que dava início a outro sombrio corredor de oito metros. Desce cuidadosamente os degraus, vendo que no ponto final em que o corredor dobrava à esquerda tinha uma mesa de porte médio, coberta com uma toalha branca, com as bordas a poucos centímetros do chão.

Após algum tempo, já estavam ao lado da mesa, constatando que a próxima curva à esquerda formava um corredor de cinco metros paralelo ao anterior, dividindo a mesma parede que no final virava à direita, para uma porta de ferro aberta com forte iluminação vinda do próximo corredor, que devia ser o último até a gráfica.

Porém um barulho os deixa atônitos, quase paralisados de medo. Era o som de alguém correndo na direção deles, vindo do corredor que iriam tomar. Uma sombra humana crescia à frente, revelando um dos mendigos que passa pela porta quase batendo com a cara na parede. Flavio congela notando ser o velho negro, com os braços ensangüentados, roupa rasgada exibindo profundos cortes no peito. O velhote dá alguns passos apoiando-se na parede, parando a meio metro dos dois, suplicando por ajuda. A inesperada aparição do mendigo não é o que mais assusta Laura, e sim ao perceber que de onde o velho saiu, crescia uma enorme sombra com orelhas grandes e pontudas que não era humana, seguida de um terrível rosnado, confirmando a presença da criatura que não queria de forma alguma encontrar.

Numa fração de segundos, ela faz sinal para Márcio, que junto com seu irmão e Tara desciam as escadas para se esconderem, enquanto com o outro braço segura o assustado Flávio, rolando no chão junto com ele até ficarem debaixo da mesa, no mesmo tempo em que o lobisomem surgia correndo de quatro fazendo a curva, e saltando em cima do mendigo para o ataque final. Enquanto isso, debaixo da mesa coberta com a toalha, os dois escutam um som ensurdecedor do grito do mendigo misturado ao som de ataque do lobisomem, dando lugar a um brutal quebrar de ossos, com bancadas na parede de tamanha força que a mesa tremia. Flávio fica com a testa no chão tampando os ouvidos para abafar os terríveis barulhos, temendo que a mesa trêmula quebrasse os revelando a morte certa. Derrepente o barulho cessa, dando lugar ao silêncio sinistro, deixando os dois paralisados na total expectativa do que ia acontecer. Após trinta segundos ouviu-se um som de um corpo, que era do mendigo, cair no chão sem vida espalhando o

sangue pelo local, entrando também por debaixo da mesa exalando um odor repugnante, a ponto do adolescente erguer a cabeça ao mesmo tempo em que ensaiou um grito, porém foi seguro pelo braço esquerdo de Laura que o envolveu, forçando-o abaixo evitando assim bater na mesa, ao mesmo tempo tampa sua boca com tanta força, que ele engoliu o som que faria. Com a outra mão, estranhamente passa o dedo indicador sobre o sangue, levando a boca para prová-lo, deixando adolescente abismado. Laura o encara dando a entender que pelo menos o sangue era bom. Coisas de vampiro, deduz Flávio.

Então um som de rosnado rasga o silêncio do ambiente, os lembrando que o lobisomem continuava ali. Colocam seus rostos contra o chão ignorando sangue, virando as faces à direita, na esperança de ver onde estava o temido animal. Percebem pela fresta da toalha, quatro monstruosas patas negras sobre o que restou do mendigo. O lobisomem começa a se deslocar na direção da mesa, notado pelas patas, caminhando delicadamente, só havendo barulho quando as grossas unhas tocam no chão, o que depois é abafado no momento em que a criatura pisa no sangue, já ao lado dos dois.

Um rosnado soa novamente colocando Flávio apreensivo, enquanto observava um focinho grande e negro aparecer a 90 centímetros da fresta, junto com a parte frontal da bocarra ameaçadora, tão perto quanto da morte certa. Da boca saiu uma língua lambendo duas vezes o sangue, provando o gosto como Laura fez, só que era mais nojento, pois o sangue sujou o focinho negro que depois foi limpo delicadamente pela língua. O focinho então desaparece, deixando tudo mortalmente quieto. Laura e Flávio ficam na expectativa de que o monstro agora volte pelo lugar de onde veio. Ao invés disso, para o desespero dos dois, escutam um outro rosnado tão forte que a toalha se moveu na direção deles, por causa do grande golpe de ar empregado para reproduzir o som. Isso os fazem compreender que a criatura estava com o rosto virado naquela direção, desconfiado que debaixo daquela toalha havia mais seres vivos, pelo menos por enquanto. O focinho do lobisomem encosta a toalha da mesa para uma melhor investigação, moldando-se nela enquanto os dois recuam apavorados. O focinho então desce até aparecer o nariz na fresta, provocando um deslocamento de ar ao cheirar o ambiente. Laura já com o coração na boca, pragueja em pensamento por não ter tirado o cordão antes, também percebe que Flávio já estava tremendo de medo, então o aperta fortemente com o braço esquerdo, procurando conter a tremedeira, evitando que os denunciasses. O focinho recua sumindo de vista, voltando novamente o silêncio, agora sob a forma de mau presságio, depois dando lugar a um

outro forte rosnado, indo na direção dos dois, incentivando Flávio a chorar. Outro barulho é ouvido, mas não um rosnado, e sim alguma coisa erguendo-se no ar, intrigando Laura ao notar que agora só havia duas patas e não quatro no chão. O pior que parecia que o lobisomem estava em pé de frente à mesa, dando um claro sinal de ter detectado-os, aumentando o frio na barrica dela, esperando que a qualquer momento a mesa fosse quebrada junto com eles.

Num ato do destino, uma nova brisa surgiu chegando de onde eles vieram, levantando um pouco a borda da toalha à frente, os surpreendendo. Estranhamente isso também surpreende o lobisomem, que se vira na direção do vento, emitindo um som identificado por Laura, como o ato de farejar os odores trazidos pela brisa, durando alguns segundos e depois novamente dando lugar ao silêncio. Laura compreende que o vento trouxe o odor familiar de Tara escondida ali perto, motivando o lobisomem a perder o interesse neles, confirmado quando a criatura coloca suas patas dianteiras no chão, provocando com o choque uma tremedeira na mesa e depois o mostro caminha devagar na direção de Tara e Márcio e seu irmão, escondidos na parede ao lado da entrada daquele corredor.

Flávio agora para de tremer, estranhando a atitude do animal em ir na direção da passagem que ele veio. Compreende então, que o lobisomem detectou a presença dos seus amigos. Esse pensamento assustou a si mesmo, instigando a tremer novamente. Tenta usar a voz para alertar Laura, mas havia esquecido da mão da gótica na sua boca, transformando as palavras em ruídos. Ela percebe a tentativa de comunicação e se adianta.

—Já deve ter percebido que ele vai na direção de Tara, pelo fato do seu odor ser familiar. — sussurra bem perto do ouvido, tomando o cuidado para não atrair a atenção do monstro.

—Temos que fazer alguma coisa ou eles serão atacados. — alerta também sussurrando, após livrar-se da mão da vampira que tampava sua boca.

—Fique sabendo que só os irmãos morrerão. Ele não vai matar Tara, pois são lobisomens do mesmo grupo. — informa levantando parte da toalha à sua frente, por onde ela e Flávio puderam ver o lobisomem, com a forma parecida a de um lobo, andando de quatro lentamente enquanto farejava o chão, gigantesco com uns dois metros e muito forte, todo negro com orelhas grandes e pontudas de costas para eles, a uns

três metros de distância, bem próximo de Márcio e dos outros. – Se quiser ajudá-los, tire essa droga de cordão agora! – ordena-o encarando confiante, que dessa vez ele não tinha outra escolha se não obedecer, pois seus amigos corriam sério perigo, pensou.

–De jeito nenhum, deve ter outra maneira. – Flávio não podia arriscar a ter outro adversário além do lobisomem, já que ainda não ficou claro qual lado Laura estava.

–Droga! Ainda insiste nisso? Não está vendo que eles vão morrer, ou pior, nós vamos morrer também. – fala com desespero, pela teimosia do adolescente em não obedecer mesmo numa situação de grande perigo.

–Não adianta discutir. – encerra o assunto pensando em outra solução.

Márcio, escondido na parede ao lado do corredor, ouve os passos da criatura indo na sua direção, desesperando-se ao perceber que estava encrencado.

–Droga, o lobisomem deve estar vindo pra cá. – notifica pensando em sair correndo junto com seu irmão, mas provavelmente o barulho dos passos alertaria a criatura que o alcançaria em poucos segundos.

–Eu avisei a vocês, agora é tarde demais, preparem-se para... – Tara tenta lembrá-los da suposta oportunidade que tinha dado para saírem ilesos, porém é interrompida por André que tampa sua boca, cheio daquelas palavras.

–Quieta maldita! – André ordena irritado com a possibilidade de morrer.

–Muito bem, vamos esperar o lobisomem atacar seus amigos. Nesse momento, corremos até entrar na gráfica e damos o fora daqui. – Laura dá uma sugestão tão sinistra que Flávio a encara irritado, no entanto para ela a situação era perfeita, pelo fato de nem precisar matar os adolescentes, deixando ao lobisomem todo o serviço. Quanto à Flávio poderia hipnotizá-lo como fizera das outras vezes, de modo a apagar qualquer indício do seu segredo vampiresco ou daquela noite.

–Está pensando em deixá-los morrer? –pergunta não acreditando. – como pode pensar em fazer isso? Você não passa de uma sanguessuga fria e cruel. – protesta ao compreender que Laura desde o início tinha a intenção de matar a todos, devendo até mesmo estar contente com o lobisomem por fazer seu trabalho, eliminando Márcio e André, sobrando apenas ele que poderia ser morto facilmente quando saísse da maldita fábrica.

–E você uma criança que ainda não saiu da fraude. Como não quer libertar meus poderes, é melhor que eles morram mesmo, pivete. – responde o insulto, enquanto tira o braço esquerdo de cima dele pronta para correr. – Ou será que tem alguma idéia melhor? – questiona, duvidando que faria alguma coisa além de salvar a própria pele.

Flávio ajeita os óculos com raiva, admitindo a si mesmo a grande burrice, por se importar com uma pessoa tão fria e cruel, como ela demonstrava ser naquele instante.

–Tenho sim. – confirma se levantando, criando um forte estrondo com o choque da mesa no chão, enquanto Laura o encara perplexa pela aparente estupidez. – Correr! – foi o que fez após completar a resposta, deixando a gótica para encarar sozinha e assustada, o lobisomem virar o rosto na sua direção, revelando sua face apavorante com os olhos amarelados e os dentes ameaçadores amostra, a persuadindo também a correr como doida, tropeçando no corpo do mendigo.

Entram no corredor correndo como nunca correram antes, avistando uma porta de ferro da gráfica aberta no final.

–Miserável! Se sobrevivermos, eu juro que vou te matar! – ameaça inconformada com a ação idiota do adolescente.

–Então entre na fila! – responde notando a presença do lobisomem no corredor, furioso e correndo com uma velocidade muito maior que a deles.

Os dois finalmente entram pela gráfica freando forte, deslizando sobre o chão, passando da porta que deveriam fechar para não morrerem. Voltam até a porta de ferro, observando a aproximação rápida e ameaçadora do lobisomem, pronto para atacá-los a três metros. Laura rapidamente a fecha com força, procurando em vão pela chave, mas percebe infelizmente que só tem a maçaneta para trancá-la. Sem outra

opção, segura com firmeza com a mão direita, enquanto força as costas contra a porta. Flávio faz o mesmo que ela, ficando ao seu lado. Laura o olha com raiva por não estar pronta para morrer daquele jeito, mas ele a ignora fechando os olhos, esperando pelo baque que a porta iria sofrer.

O lobisomem se choca com mais força do que Flávio poderia esperar, transformando todo o ambiente num terremoto com as porradas que a porta sofria tremendo igual gelatina, junto com a gritaria desesperada dos dois.

—O que aconteceu? — André quer saber constatando o corredor vazio, apenas com os restos do mendigo.

—Devem ter atraído o monstro para longe de nós e pelo o barulho, podem estar sendo atacados. — informa Márcio entrando no corredor, preocupado com o que estaria acontecendo com Laura e Flávio. — André fique aqui e vigie Tara, eu vou ajudá-los. — ordena ao irmão que o encara aflito com o risco que correria.

—Mas irmão... —tenta protestar, porém é em vão.

—Faça o que digo moleque. — ordena, batendo no seu ombro e depois correndo, na esperança de chegar a tempo para ajudar seus colegas.

Ele passa rapidamente pelo mendigo sem se importar com sua condição, virando a esquerda até estar na entrada do corredor da gráfica, onde de longe observa aterrorizado o gigantesco lobisomem negro tentando de todo jeito arrombar a porta, em que seus amigos deviam estar. Sem saber o que fazer, nota na entrada onde estava, havia uma porta de ferro e com chaves, lhe dando uma ótima idéia.

—Hei peludo! — grita atraindo a atenção do monstro que se vira, enquanto ele fica mais tenso, por ver a criatura de frente. — Quer jantar? — faz uma pergunta estúpida provocando rosnado, seguido da correria do lobisomem na sua direção, indicando aceitar o apetitoso convite.

O rapaz rapidamente fecha a porta de chave, se colocando de costa a ela, na tentativa de não deixá-la abrir com a porrada esperada, que não demora nem meio minuto para acontecer, estremecendo a porta com o choque do monstro, enquanto ele fazia o máximo de força para absorver o impacto.

Laura e Flávio, sentindo a ausência do lobisomem atrás da porta saem de suas posições tomando fôlego, no entanto, o barulho longínquo da criatura incomoda o adolescente, motivando a abrir vagarosamente a porta, e pela greta observar a criatura tentando arrombar a outra porta, dando a entender que seus amigos atraíram o animal para lá. Laura não parecia ligar muito pra isso, ao empurrá-lo para trás batendo a porta com força, e depois o encarando enfurecida.

–Temos que ajudá-los. – suplica, ignorando se ela tinha más intenções ou não. Precisava de toda ajuda possível.

–Não me venha com essa, seu miserável filho da mãe! –esbraveja possessa pela loucura que ele tinha feito. – Quase morri agora, e não quero passar por isso de novo. – o puxa pelo braço, aproveitando que estavam na gráfica para saírem dali, depois o mataria com gosto, pelos momentos terríveis que a fez passar. – Vamos embora! A saída fica ali. –apontou para a porta no canto direito da sala.

–Você não vai ajudá-los? Mesmo depois de terem se arriscado para salvar sua vida? – indaga desvencilhando da sua mão, buscando emergir algum sentimento bom daquele coração frio e calculista.

–Escuta aqui! Já estou cheia de discutir com você. Se não quer ir, vou eu, adeus. – despediu-se indo embora, desistindo da idéia de assassiná-lo, pois o lobisomem o faria, após ele tentar inutilmente salvar seus amigos.

Notando que conversar era inútil, Flávio corre na direção da porta do corredor, ficando de costas para ela, com a mão na maçaneta, na última tentativa de convencer a gótica a ajudá-lo.

–Não vai não! – avisa, enquanto Laura assustada, o encara notando a próxima maluquice que ia cometer.

–O que está pensando? – pergunta temerosa com a resposta.

–Se não ajudar, vou abrir a porta, e deixar o lobisomem entrar. – ameaça

–Você não tem coragem para isso. Sabe que nós dois morreremos. – duvida com a face assustada, rezando para que o adolescente fosse medroso, e não maluco.

–Se não ajudar, assim será. – reitera girando a maçaneta, para não deixar dúvida.

–Droga! O que podemos fazer? – Laura pergunta andando de um lado a outro, desesperada com a possibilidade de enfrentar o lobisomem sem os seus poderes.

–É sua vez de pensar, não minha. – responde para infelicidade da vampira, pois só tinha bolado um jeito de conseguir a sua ajuda, não tendo a menor idéia de como salvar seus amigos.

–Seu fedelho idiota! – xinga procurando angustiada pela sala, alguma coisa que a ajudasse a bolar um plano, no entanto só nota uma mesa de madeira à direita e latas de tinta espalhadas pelo local. Então seus olhos se fixam esperançosamente em um armário cheio de garrafas de álcool doméstico, fazendo-a apertar um dos bolsos da calça para conferir se tudo o que precisava realmente estava ali.

Depois disso passam três minutos, enquanto o lobisomem cansado de forçar a outra porta, apenas a observava sentado no chão. Já a porta, onde estava Flávio, abriu vagarosamente emitindo o suave som de ranger, interrompendo a quietude do corredor, atraindo também a atenção da criatura, que se virou para assistir a abertura total, por onde surgiu Laura dando três sonoros passos, fitando-o sorridente.

–Hei sarnento, lembra de mim? – pergunta com cinismo, enquanto o lobisomem arregala os olhos já reconhecendo-a. – Eu conheço você, é o Zé Maluco não? – dá um passo à frente. – É claro que deve me reconhecer. Já matei muitos dos seus amigos pulguentos. – sorri percebendo que o monstro rosnou com fúria, possivelmente lembrando das mortes que provocou no seu grupo. – Oh! me desculpe, escapuliu. – coloca a mão na boca fazendo uma cara de deboche seguido por uma risada. – Parece que você não gostou do que eu disse, ou foi só da parte que chamei a sua espécie infeliz de pulguentos? Pois se cachorro tem pulgas, imagine um bando de lobisomens fedorentos. – Laura dá um passo para trás percebendo que o lobisomem caminha lentamente na sua direção, babando de fúria. – Por favor, não se aproxime mais. – tampa o nariz completando o deboche. – Seu fedor é insuportável, sarnento fedido a bosta! – grita com tanta força que o lobisomem não se

contem e corre pra cima dela, que entra na gráfica dando um salto para o fundo, quase batendo na parede, e depois fica a observar ele se aproximar pronto para matá-la.

Ao atravessar a porta, o monstro pára estranhando o chão molhado em que estava pisando. Baixa o focinho para cheirar, e recua irritado e meio tonto por causa do forte odor de álcool. Laura notando que o elemento surpresa foi descoberto puxa do bolso um isqueiro, e o acende próximo ao rosto sentindo o calor da chama amarela, lhe arrancando um malicioso sorriso.

—Agora Flávio! É hora do banho! — dá a ordem a Flávio que estava posicionado à direita do lobisomem precisamente atrás da mesa, segurando um balde cheio de álcool, lançado com precisão na cara do bicho, tirando-lhe momentaneamente a visão. — Te vejo no inferno, Zé Maluco. — se despede do mal cheiroso adversário, arremessando o isqueiro aceso em cima dele, transformando-o numa tocha de fogo.

A criatura desesperada avança na direção de Laura, surpreendendo-a com a manobra. Ela para fugir, contorna a sala seguida pelo animal, que fazia tudo a sua volta arder em chamas. Puxa Flávio pelo braço correndo de volta para o corredor, com o lobisomem em chamas atrás, urrando de dor. Os dois chegam à porta onde Marcio estava, e batem forte, angustiados com a aproximação da criatura incandescente.

—Abra a porta! Sou eu, Flávio! — grita, sentindo o calor aumentando.

Márcio identifica a voz familiar do amigo, abrindo imediatamente a porta, por onde Flávio e Laura entraram quase empurrando-o, enquanto ele permanecia abismado com a aproximação do lobisomem em chamas.

—O que está esperando Márcio? — Laura grita acordando-o para trancar novamente a porta de chave.

Com a porta trancada, os três se afastam notando labaredas de fogo saindo por baixo dela iluminando o escuro local em que estavam, enquanto o lobisomem, do outro lado, batia desesperado, durando um minuto, deixando apenas o som do fogo reinar.

—O que fizeram? — Márcio pergunta espantado com o fogo saindo por baixo da porta.

–Churrasco, um grande churrasco. – Flávio brinca sorrindo de alegria com a vitória, e também tentando se limpar do sangue do mendigo no rosto, que havia até esquecido.

–Eu nunca vi um churrasco de lobisomem em toda minha vida. – Marcio comenta rindo junto com os dois, aliviados com a vitória.

–Esse churrasco está cheio de pêlo. Tô fora! – Laura faz piada em meio ao riso feliz por ter sobrevivido ao desafio de matar um lobisomem sem os seus poderes, enquanto observa Flávio se limpar, lembrando-a que seu rosto e roupa também estavam sujos de sangue.

André chega com Tara, passando pelos restos sanguinolentos do mendigo, não compreendendo a felicidade geral. Tara começou a gritar de pânico se livrando dele, e correndo na direção da porta em chamas, onde foi contida por Márcio, que estranhou seu comportamento, enquanto ela se debatia chorando sem parar.

–Quem? Quem foi que vocês mataram? Digam-me? – fala em meio ao choro esforçando para se libertar dos braços do rapaz, por imaginar ser Gládio, a pessoa atrás da porta, morto e queimado.

–Calma querida, foi só o Zé Maluco que virou churrasco, e bem passado presumo. – informa Laura sabendo o motivo da preocupação.

–Sua desgraçada! Foi você não foi? já matou muitos do meu grupo. Um dia eu vou vingá-los, pode apostar! – Tara ameaça ainda contida por Márcio, buscando de todas as formas agredir a rival.

–Nós não tínhamos escolha, era a gente ou ele. – o rapaz tenta explicar percebendo o quanto ela gosta de Gládio, a ponto de ficar tão desesperada com sua suposta morte.

–Vocês também são culpados. É bom estarem preparados para a forra. – avisa o rapaz, que arregala os olhos, surpreso com a raiva demonstrada contra ele.

–Viram? Ela é tão perigosa quanto eles. – Laura adverte. – Se eu fosse vocês a mataria agora mesmo, antes que se torne uma ameaça. – sugere percebendo a boa chance de dar o troco na rival.

–Espere aí, você também não é nenhuma santinha. – Flávio entra no assunto, notando a manobra maliciosa da vampira em provocar mais mortes.

–Fique quieto! – ordena temendo chegar ao conhecimento geral, que se fosse por ela os irmãos virariam comida de lobisomem.

–Se eu não a obrigasse, teria ido embora. – Flávio revela.

–Isso coloca-a no mesmo nível. – analisa Márcio. – Se tivéssemos de matar alguém seriam as duas. – ameaça apenas para que a vampira desistisse da idéia de assassinar Tara, pois apesar de tudo ainda gostava da moça.

–Não acredito no que estou ouvindo. Acabo de salvar suas miseráveis vidas, e em agradecimento recebo desconfianças e ameaças. – esbraveja, buscando fazer todos pelo menos reconhecerem seu valor ao matar o monstro.

–Gente, isso não é o mais importante no momento. Por acaso aquela não era a saída daqui? – André refere-se à porta com labaredas saindo das aberturas.

Todos observaram as chamas tristes com o fato.

–Agora não é mais. – lamenta Flávio, desnorteadado por estar tão perto de se livrar daquele pesadelo. – Temos de procurar outra saída. –dá a má notícia.

–Vamos voltar? Ainda falta mais um lobisomem, não falta? – André questiona indignado por ter quase virado comida de lobo, e agora teria de voltar fábrica adentro, com o risco de encontrar a outra criatura.

–É mesmo. Tivemos muito trabalho para matar este, e ainda falta um. – Flávio analisa com tristeza, lembrando todo o aperto passado para eliminar o Zé Maluco.

–O que vocês tem de fazer agora é tirar esse cordão do meu pescoço, que me encarregarei dele imediatamente. – propôs Laura, indo na direção de Flávio, para aproveitar o temor de todos e se ver livre do cordão.

–Nem pensar. Sem seus poderes já pretendia nos deixar, imagine com eles? – Flávio rejeita a sugestão, deixando-a enraivecida. Agora sabia muito bem que se soltasse-a, ela os mataria ali mesmo.

–É um problema a menos você permanecer sem os seus poderes. – afirma André igualmente receoso sobre o verdadeiro objetivo da vampira.

A gótica sorri sem acreditar na ignorância dos adolescentes, por desconhecerem as poucas chances que tinham, caso encontrassem Gládio, muito mais perigoso que o idiota do Zé Maluco.

–O que matamos, é patético em comparação ao namoradinho da nossa Tara aqui. Vocês devem ter visto como Gládio era alto na forma humana. Como lobisomem chega a quase três metros, e é mais inteligente que aquele retardado. – alerta que o verdadeiro perigo estava por vir.

André, seu irmão e Flávio, impressionados com o aviso olharam-se procurando obter a opinião visual sobre a informação. Márcio foi o primeiro a demonstrar ter opinião formada, mas antes, precisou se esquivar dos cabelos cor de mel de Tara batendo no seu rosto, na tentativa de deixar a face da moça livre deles, pois estando algemada não podia usar as mãos.

–Lamento Laura, mas não podemos correr o risco. – disse com sinceridade, crendo no aviso, e até demonstrando certa gratidão por ela ter se arriscado a matar o lobisomem, mesmo contra a sua vontade. – Talvez suas intenções no fundo sejam boas, no entanto é vampira, não dá para ter certeza. – fala deixando claro à gótica, como seria difícil ele confiar nela a ponto de remover o cordão.

–Não se preocupe, você pode partir quando sairmos daqui. – Flávio busca tranquilizá-la, segurando sua mão esquerda e fitando-a com um olhar carinhoso. Afinal, mesmo obrigada, sem ela, nunca mataria o monstro. – Depois seus amigos poderão tirar o cordão. – promete.

Compreendendo não ter melhores opções, ela fita o adolescente com tanta ternura a seu favor, que num breve momento hesita em fazer o que planejou para ele.

–Tudo bem, se é o que decidiram, o que vou fazer? – consente apertando a mão direita de Flávio, aparentemente conformada com a decisão.

–Todos mantêm o silêncio, contemplando a forma carinhosa demonstrada pela vampira em relação à Flávio, interrompido pelo riso baixo da Tara.

–Isso é muito meigo e comovente, porém vocês não sabem com quem estão lidando. – avisa. – Ela aparenta ser uma menina meiga e inocente, no entanto se a conhecessem melhor, saberiam que estão tratando com o demônio em pessoa. – tenta mostrar a todos o perigo maior em confiar na vampira. - No momento que a soltarem, esqueçam suas famílias, duvido que por vocês conhecerem a verdade sobre ela, saiam daqui vivos. – fala por experiência própria, sabendo o quanto Laura poderia ser terrível se porventura quisesse.

–A apreensão retorna ao recinto, menos a Flávio, que continuava segurando a mão da vampira, batendo com a outra mão em cima da dela, junto com um pequeno e malandro sorriso. Ela deduz que talvez o adolescente não fosse tão bobo quanto pensava, provavelmente sabia da suas reais intenções a um bom tempo, e mesmo assim, insistia em demonstrar carinho, um ato incomum no seu meio. Quem sabe não poderia aprender um pouco com ele. Tal pensamento lhe deu confiança suficiente para caminhar na direção de Tara, não se importando com o que falou.

–O Fato é que com aquela saída bloqueada... – indica a todos com o seu olhar a porta de ferro em chamas. – Nossa única opção é pegar o molho de chaves e abrir o portão. – pára de falar ao ficar frente a frente com sua rival. – Aposto que a nossa querida Tara sabe onde está. Não é meu amor? – fita torcendo que negasse, enquanto a moça a encarava com apreensão.

–Lamento, mas não sei onde as chaves estão. – Tara responde de forma seca e direta, claramente mentindo.

–Verdade? Faz parte do grupo dos lobisomens, não? Se lembro bem, quando me trouxe para esta empresa abandonada, você e seus amigos fecharam o portão, depois disso, mesmo com o capuz na cabeça, pude ouvir dizer que nós esperássemos lá embaixo, enquanto ia se livrar do prêmio. – fez uma pausa observando o olhar perplexo da rival com a

exposição dos fatos. – Será que o prêmio seria a chave para abriremos o portão? – pergunta com ironia.

– Pare com esse jogo, eu não sei de nada. – nega, quase colando seu furioso rosto ao de Laura, antes que ela fizesse todos crerem nas suas suspeitas.

– Espere aí? – Márcio interrompe puxando o ombro direito de Tara para trás, buscando sua atenção. – Ela tem razão. Você deve saber muito bem, onde a maldita chave está. – a encara com firmeza. – Pare de mentir e comece a confessar.

– Eu já disse que... – cessa a voz ao ser segura pela gótica.

– Márcio, deixa comigo. – Laura intervêm, aproveitando o bom momento para torturar um pouco sua rival, se colocando atrás dela e puxando os longos cabelos pretos com a mão direita, enquanto a outra segura um dos braços algemados.

– Vagabunda! – Tara xinga com a dor sentida pela maneira que seus cabelos foram puxados.

– Elogios não adiantam agora. – ironiza conduzindo-a na direção da porta em chamas. – Vamos conversar de mulher para mulher.

– Espere! O que vai fazer com ela? – pergunta Márcio deduzindo a intenção da vampira.

– Não se intrometa! Vocês homens são muito fracos com as mulheres. Só pensam com a cabeça de baixo. – o repudia, sabendo como era gamado na Tara, por isso jamais conseguiria fazê-la confessar.

– Laura volta conduzir Tara parando a uma distância de meio metro da porta, enquanto o calor forte fez a moça virar a cara para o lado buscando respirar.

– Imagine minha querida, como essas chamas devem estar quentes agora. – indaga apertando ainda mais o cabelo, a ponto de inclinar seu rosto para trás. – Por outro lado, sua face é tão bonita, e sua pele é tão macia. – disse esfregando sua bochecha esquerda na bochecha direita dela, que demonstrava irritação com o ato. – Bem... E se eu a colocasse junto à porta por... Quem sabe um minuto. Talvez nunca mais ficasse a mesma, o que seria uma pena para uma jovem tão

bonita. Agora se não confessar, é isso o que vai acontecer. – ameaça puxando novamente o cabelo de Tara.

–Eu já disse que não sei. – protesta Tara, mentindo até o último momento.

–Muito bem. Se prepare para fazer a versão feminina do fantasma da ópera! – grita empurrando-a com força na direção da porta.

–Espere! Eu falo maldita! – exclama Tara atemorizada com a possibilidade de estragar o rosto, fazendo Laura se afastar junto com ela para longe dali, enquanto Márcio, André e Flávio se aproximam.

–Onde está? – Laura pergunta outra vez.

–Eu joguei no restaurante executivo. – responde.

–Jogou aonde? – indaga voltando ameaçar empurrá-la novamente na direção da porta.

–Eu não sei. Só joguei com toda força, da entrada do restaurante. Não faço idéia onde caiu. Lá é muito escuro. Eu juro por Deus. – confessa.

–Viram! Vocês ficam desconfiados de mim, mas ela sabia todo tempo onde a chave estava e não disse nada. – afirma encarando os três. – Agora Tara, por que não quis dizer nada? Sei o motivo, mas diga para os nossos inocentes amigos. Diga! – sabia que o motivo da rival era parecido com o dela, querer os adolescentes mortos.

–Vocês sabem quem somos. E também mataram um dos nossos, não podem sair daqui vivos. – revela a todos, enquanto Márcio a olha desiludido.

–Onde fica esse restaurante? – O rapaz pergunta indiferente sobre o que ela disse.

–Não vai fazer nada? Mesmo ouvindo que queria nos matar? – Laura se irrita, jogando Tara em cima de André, para tomar satisfações com Márcio. Sabia que se caso ouvisse essas palavras vindo da sua boca, ele ia querer matá-la.

–A única coisa que me preocupa, é como vou sair dessa maldita fábrica, entendeu? – disse a ela irritado.

–A vampira dá um sorriso maroto sentindo no rapaz à volta da sua queda amorosa por Tara.

–Homens. Sempre pensando com a cabeça debaixo. – fala colocando a mão na cintura.

–Você também não me parece nenhuma santa, Laurinha. – indaga André em defesa do apaixonado irmão. –É uma vampira, isso também levanta a hipótese de querer nos matar. Ela é um lobisomem, e quer a mesma coisa. Resumindo vocês duas são igualmente perigosas, e querem nos matar.

–Pivete idiota, pelo menos salvei a vida de vocês. Devia ter deixado virarem comida de

–Vão ficar discutindo a noite inteira, ou vamos pegar as chaves e sumir daqui? – Flávio interrompe, cheio daquelas conversas sem futuro.

–Têm toda a razão. – Márcio concorda incomodado com o assunto. – Tara, como chegamos no restaurante executivo?

Ela resolve cooperar ao notar que ele a encara seriamente.

–Fica em cima do restaurante dos operários. Para chegar lá teremos de voltar pelo corredor. – responde constatando um certo desprezo no olhar dele.

–Ótimo. Vou com Laura e vocês ficam atrás com Tara. Entenderam? –explica aos adolescentes, não conseguindo ficar perto da moça depois de tudo o que soube. – Caso encontremos com Gládio, vocês a escondem antes que ele sinta o cheiro dela. Vamos! – ordena chamando a vampira com a mão.

Laura o fitou com certa ironia, compreendendo sua intenção. Então puxa Flávio pela mão conduzindo-o ao caminho de volta, passando por Márcio como se ele não existisse.

–Não entendo? Por que você só anda com Flávio a tira-colo? – questiona irritado com o desprezo.

A gótica pára de caminhar já em frente ao corpo mutilado do mendigo, virando-se para encará-lo.

–Prefiro esse guri à você. Fique aí atrás junto com seu amor. Nós vamos na frente. Não é Flávio? – olha para o adolescente que a ignora, estando mais preocupado com o mendigo e suas tripas do que em dar a devida atenção a ela. – Vamos, pivete! – se irrita com a desatenção, e o arrasta fazendo-o pisar com nojo, no corpo do mendigo. Afinal, devia estar feliz em ficar ao seu lado se realmente gostasse dela.

–Por que prefere a mim, a ter a companhia do Márcio? Ele é mais forte, e poderia lhe proteger melhor. – questiona Flávio, ajeitando os óculos, incomodado em ficar na linha de frente.

Laura rebate sua dúvida com um olhar sarcástico antes de falar.

–Sei muito bem cuidar de mim mesma. Além disso quero você ao meu lado, pois quando a coisa ficar preta, vai fazer o certo, tirar esse maldito cordão do meu pescoço, nem que pra isso tenha que te esbofetear. – puxa pela cola da camisa fitando-o gentilmente.

5. Davi contra Golias.

Após alguns minutos percorrem o extenso corredor, parando na saída em frente a área, onde estavam as pilhas de latas do segundo andar. Flavio ainda sente o odor de pêlos de cachorro no local, igual o da outra vez, o incapacitando de distinguir se o cheiro pertencia ao falecido Zé Maluco, ou ao Gládio que poderia ter passado ali recentemente.

Já Laura observa que as pilhas de latas, e todo o empoeirado ambiente, permaneciam do mesmo jeito que viu da última vez. Só sentia desconforto com o silêncio nefasto, mantendo-a alerta enquanto puxava Flávio armazém adentro.

Seus colegas a seguiam atravessando cada pilha, observando de longe um outro segmento de escadas do andar de baixo e outro para o andar de cima, e à direita das escadas, havia uma porta de ferro aparentando estar trancada.

A gótica sem perder tempo, conduz Flávio para a escadaria, mas é impedida por Márcio, que se adianta ficando à sua frente, fazendo sinal para que fosse na direção da porta. Mesmo sem entender nada obedece, indo até a porta abrindo-a, e depois seguindo um pequeno

corredor de paredes bege, com uma porta de madeira aberta no final, por onde adentraram chegando no refeitório.

–É aqui? – André estranha o modesto local.

–Claro que não, tampinha. – Tara disse bastante irritada por estar naquele lugar. – Esse é o refeitório dos operários. A escadaria lá fora, leva para a entrada dos fundos do restaurante executivo por onde os alimentos eram trazidos.

–Pelo menos não sinto cheiro de cachorro aqui. – Flávio fala aliviado, supondo que o outro lobisomem estaria no primeiro andar.

–Excelente, por que não vamos logo pegar a maldita chave? – Laura volta a puxar o adolescente, inquieta com a perda de tempo.

–Espere um pouco. – Márcio a segura pelo braço. – Eu é que vou. – avisa sob o olhar curioso da vampira.

–Ir lá sozinho? – ela estranha sua intenção, indagando se era burrice ou um súbito gesto de coragem.

–Exatamente, vamos para o fundo, que eu explico. – fala com autoridade, caminhando refeitório adentro.

Mesmo surpresos pela sua idéia descabida, o grupo segue-o passando pelas mesas empoeiradas de mogno, posicionadas no centro do restaurante, enquanto algumas cadeiras de plástico azul ficavam enfileiradas umas em cima das outras nos cantos, e perto da mureta de azulejos brancos, por onde os bandejões eram preenchidos de comida.

Márcio cruza a mureta por meio de uma portinhola, penetrando na cozinha cheia de painéis velhos de alumínio, lotando duas pias fixadas ao lado de três armários de parede, com portas arreganhadas guardando alguns talheres e baratas também. Esses detalhes não chamaram a sua atenção, e sim a entrada da despensa, no lado esquerdo por onde se encaminhou junto com seus companheiros, confusos com o tal plano.

Lá dentro, Flávio observa as paredes de azulejos brancos, e algumas irritantes baratas que circulavam no chão, embora o cômodo não

possuísse nada comestível, a não ser uma prateleira de quatro andares ao fundo, cheias de latas de óleo de cozinha, meladas pelo óleo, que fluía das pequenas rachaduras de algumas latas, provocando um desconfortável odor.

–Vocês vão ficar aqui. – ordena Márcio aprovando o local, que na sua ótica era um bom esconderijo.

–Ainda não entendo? – Laura se aproxima com curiosidade. – Quer mesmo pegar a chave sem ajuda de ninguém? Suponho que ou você aumentou a sua cota de idéias idiotas da noite, ou teve a famosa febre do heroísmo descabido.

–Não é nada disso. – afasta-se dela até ficar na mira visual de todos. – Lá embaixo quase morremos, porque o Zé Maluco sentiu o cheiro da Tara. Imagine o namorado? Ele rapidamente vai nos encontrar, por isso ela não pode ir. – faz uma pausa fitando seriamente Laura, dando a entender que ela era outro motivo para prosseguir sozinho. – E tem você Laura, que quase fugiu para salvar a pele, lembra?

–Mas eu...

–Você nos ajudou sim. – Márcio a interrompe, com palavras mais mornas, evitando ouvir da sua boca a velha ladainha de que se não fosse ela, todos virariam comida de lobo. – Só fez alguma coisa, porque Flávio a forçou, isso me faz crer que deve ficar aqui junto com Tara, vigiada por André e Flávio, para não ser tentada a salvar a pele de novo. – revelou vendo a expressão de desgosto da gótica.

–Mano, é burrice encarar um lobisomem sozinho. – o irmão fala preocupado com ele.

–Márcio se aproxima colocando a mão no ombro esquerdo de André, entendendo o seu nervosismo.

–Não se preocupe, eu também não quero ir. Mas é o certo a fazer. Talvez Gládio não esteja lá, pois esse lado da fábrica não tem cheiro de cachorro sarnento, caso ele esteja no restaurante, eu volto. – tranquiliza escondendo o medo de pegar a chave sozinho, mas depois da dificuldade que passou, precisava comandar a situação como homem.

–Tenho uma idéia melhor. – disse Tara para curiosidade geral, sobre o que seria uma idéia melhor pra ela. – Você pega a chave, retorna e

espera até o amanhecer. Nessa hora os lobisomens voltam à forma humana, e ficam inconscientes por algum tempo. Então é só me deixar aqui e ir embora sem perigo algum. – sugestiona sorrindo.

Márcio desconfia da voluntária informação, que por outro lado era razoável.

–É... – concorda com a cabeça. – tudo bem, me parece sensato. – caminha indo pegar as chaves.

–Tudo bem nada. – Laura o detém, irritada com a idéia. – Se eu sair ao amanhecer vou pegar fogo, e virar churrasco igual ao Zé, ou se esqueceu que embora sem meus poderes, ainda sou uma vampira. – protesta antes que todos concordem com a idéia.

–O que importa você? Deixem a vagabunda queimar. – sugere Tara querendo vingança pela ameaça anterior da gótica, de queimar seu rosto.

–Não. Vamos sair todos juntos. – Flávio defende Laura.

–Depois decidimos o que fazer, agora fiquem aqui. – Márcio termina o assunto antes que virasse briga, saindo da dispensa, e parando depois perto da porta, com uma dúvida. – Laura, você disse que o Gládio transformado tem quase três metros de altura, não é?

–Sim, é verdade. – confirma sem entender onde quer chegar.

–Então se estiver lá, será fácil vê-lo?

–Sim. E ele tem menos velocidade para correr que o Zé, permitindo fugir caso o encontre. – revela entendendo que Márcio desejava saber as fraquezas do inimigo.

–Ótimo, vejo vocês depois. – se despede correndo para fora da dispensa, até sair do refeitório.

André o observa sair, temendo nunca mais vê-lo novamente.

–Se vamos esperar nesse lugar nojento, por que não pegamos umas cadeiras? – Laura sugere enquanto esmaga algumas baratas.

–Ótima idéia. – Flávio concorda saindo da dispensa junto com ela.

André também ia, mas Laura o impediu.

–Você fica vigiando nossa amiguinha. – ordena.

–Mas o que ela pode fazer algemada? – indaga André, duvidando que Tara fosse capaz de alguma coisa.

–Aparentemente nada, mas é melhor prevenir do que remediar, não é meu amor? – a vampira fita Tara, que dá de ombros.

Laura e Flávio vão atrás das quatro cadeiras, enquanto André preocupado com o irmão, apenas os observa da entrada da dispensa. Já Tara, esquecida pelo adolescente, analisa o ambiente notando como Flávio, o vazamento de óleo de algumas latas, arrancando um sorriso do seu rosto.

Os dois voltam com duas cadeiras cada um, colocando duas na parede à direita da entrada, e as outras duas quase encostadas nas latas. Tara oportunamente, se joga de costas em uma das cadeiras perto das latas, sorrindo para Flávio.

–Obrigada. – agradece, esperando alguma futura desatenção de todos.

Ele dá de ombros se entender o gesto, enquanto Laura se acomoda na cadeira à direita, motivando o cansado Flávio, a caminhar na sua direção sentando na outra cadeira. André, não queria sentar, ao contrário andava de um lado a outro, pela extrema inquietação, com o fato do irmão ter ido sozinho.

–Calma André, seu irmão daqui a pouco estará de volta. – Flávio procura acalmá-lo.

–Não sei não. – Desacredita nas palavras do amigo. Para ele alguma coisa estava errada. – Tara, os lobisomens quando estão pertos, ou simplesmente quando passam no local, deixam sempre o cheiro de pêlo de cachorro, certo?

Ela examina a pergunta compreendendo a intenção do adolescente.

–Depende. – falou.

–Depende? Mas depende do quê? – quis saber André.

Tara o encara sem dizer nada, garantindo um breve suspense.

–Depende, se a pessoa que se transforma toma banho ou não. – responde sorrindo com tanto cinismo, que André estremece entendendo o sentido da resposta.

Márcio após subir a escadaria, abre a porta de acesso à cozinha do escuro restaurante. Examina a sua esquerda, uma dispensa fazia, e à frente, dois armários de paredes fechados e quase limpos, ao lado de duas enormes pias de alumínio, e à direita, dos quatro grandes fogões cheios de panelas na superfície. Mas na parede à frente, estava o que queria achar, a porta para o restaurante.

Como não ouvia barulho algum, aventura-se na cozinha chegando à porta, abrindo-a com o máximo cuidado, para não dar sinal de sua presença ao lobisomem, caso estivesse ali. Dentro do restaurante, observa a frente, uma mureta de alumínio em forma de L, com vários buracos retangulares na superfície, onde eram servidos os alimentos. O local não apresentava odor de cachorro, lhe dando coragem para começar a vistoriar, evitando chutar pequenas panelas que estavam no chão. Não vendo a chave lá, segue a mureta pela parte mais curta do L, à sua esquerda, onde no final atravessa uma portinhola de saída, observando a três metros da portinhola uma porta, provavelmente usada pelo pessoal do escritório, para ir e vir. Nota à sua direita, várias mesas cobertas com toalhas brancas organizadas em duas fileiras de cinco, com duas cadeiras nos lados, e uma em cada ponta, preparadas para a rotina que outrora acontecia. Do outro lado do conjunto de mesas, avista a entrada para a varanda, de onde vinha à iluminação natural da brilhante Lua cheia, formando um fecho de luz, que cortava o escuro restaurante ao meio.

Lembrando do real motivo da vinda, começa a procurar novamente o bendito molho de chaves, olhando em baixo de cada mesa, e examinando cada canto, onde mesmo na penumbra poderia distinguir a chave se a visse. Fixa a atenção em uma mesa da terceira fileira, com a toalha caída no chão, e uma das cadeiras quebrada, podendo significar um sinal da presença do famigerado lobisomem, ou estava assim a alguns dias, pensa intrigado. Depois se tranqüiliza lembrando que Gládio, por ser muito grande, causaria uma destruição muito maior, se por ventura passasse entre as mesas.

Após procurar na área inteira, constata que a chave não estava ali, motivando-o a ir na varanda, onde coloca sua cabeça na entrada para espiar se tinha companhia, mas apenas nota a magnífica parede e teto em vidro fumê, cercando todo local, emoldurado por barras de metal dando uma forma quadriculada a parede e o teto, acompanhados por várias colunas de concreto armado de um metro de largura, formando um L invertido da parede ao teto, mantendo uma distância de seis metros entre cada coluna.

Seguro, ele entra na varanda buscando averiguar se a chave se encontrava lá. Olha a sua esquerda, observando que tudo estava vazio até o final, a dez metros dele. Vira para o outro lado e vê o mesmo vazio, porém aquele segmento dobrava à direita a uns quinze metros, contendo parede e teto em concreto, tornando o ambiente muito escuro, especialmente no canto da dobra.

Começa a caminhar a fim de verificar mais a fundo o segmento, imaginando como o lugar devia ser aconchegante de dia. Sua largura de seis metros propiciava várias mesas, onde todos podiam comer aproveitando a luz natural. Agora à noite, dominava um clima místico, com a Lua cheia sendo vista perfeitamente. A luz da lua também dava uma outra decoração ao chão, deixando-o todo quadriculado pelas sombras das molduras de aço. Também havia sombras maiores, criadas pelas grandes colunas, indo do chão até a parede contrária. Todo esse cenário junto com o silêncio, o fez parar cinco metros antes da dobra, admirando a Lua cheia, esperando sobreviver para vê-la novamente.

Após alguns minutos de hesitação, penetra na área de paredes de concreto, temendo tanto o canto escuro, que nem ousa a ver se tinha alguma coisa lá. Nota mais à frente, além da continuação das paredes de vidro, haver dois banheiros, precisamente a uns sete metros, no fim da varanda. Examina todo o recinto sem ver um sinal da maldita chave, verifica até os banheiros de tamanho médio, mas não há nada lá também, deixando-o contrariado pela perda de tempo em procurar na varanda.

Desanimado, volta vistoriando o chão, buscando ter a certeza de que elas não estavam mesmo naquele local. Alguns passos depois pára, pensando que com o fato de não achá-las em parte alguma, talvez alguém poderia tê-las encontrado primeiro. Esse pensamento é abafado com a lembrança de Tara, afirmando que havia jogado no restaurante e não na varanda, então por que perder tempo com aquela varanda idiota? Deduz.

Decidido, caminha apressado com a finalidade de contornar a curva, e retornar ao restaurante, mas antes nota no chão à frente, ao lado de uma das colunas, um líquido estranho escondido na sombra. Isso não o detêm, ao passar pelo local, pois era crucial encontrar a chave o mais rápido possível, contudo, antes de contornar a curva, pára de andar, curioso sobre o líquido, a ponto de voltar e se agachar, examinando-o com os dedos, percebendo numa impressão inicial, que era viscoso. Então para uma melhor análise, coloca os dedos além da sombra, onde constata para seu espanto, que o líquido era sangue fresco, o que levanta a suspeita de não estar sozinho afinal. Com o canto dos olhos vê à sua direita, uma entrada oculta pela sombra parecido com um dormitório de descanso.

Força mais a sua visão, notando ao fundo em meio à escuridão, o mendigo de barba branca, sentado morto junto à parede, o congelando de medo, ao deduzir ter caído numa armadilha. Uma sombra surgiu por trás interrompendo sua respiração, enquanto cobria todo seu corpo, aumentando até ficar com mais de três metros, e com a forma de uma criatura de orelhas pontudas.

Sentia a sensação de que havia acontecido um eclipse, mas a lua ainda continuava brilhando. Apavorado respira mais forte, pensando que se houvesse mesmo uma criatura atrás dele, como teria se aproximado sem fazer um barulho se quer? Será que não era a sua imaginação? Se não fosse, estava perdido.

Ainda agachado resolve se virar e enfrentar seu destino, estremecendo ao contemplar um enorme lobisomem de pêlos castanhos, de pé encarando-o imóvel através dos olhos dourados. Podia notar o quanto era alto, exatamente como Laura descrevera Gládio transformado, só esquecendo de comentar a aparência magra, as mãos desproporcionais ao corpo, e as unhas que pareciam garras ameaçadoras.

A criatura continuava parada como uma estátua, dando a Márcio a impressão de estar empalhada. Sem muita opção, ensaia levantar-se, mas leva uma mãozada do lobisomem no rosto, com tanta velocidade e força, que a única coisa que podia fazer, era cambalear para o outro lado, enquanto o sangue saía da boca formando uma linha no ar. Tenta outra vez fugir, mas a criatura o acerta, agora com a mão esquerda, cortando seu peito com as unhas, espalhando mais sangue. Esse último

golpe o joga para trás, caindo atordoado no chão com as mãos nos ferimentos, fazendo uma careta pela dor.

Não satisfeito, o monstro se aproxima erguendo-o com as duas mãos, levantando seu corpo deitado o máximo que pôde, enquanto caminha na direção da parede de vidro. Márcio cospe o sangue que o impede de respirar, e mesmo com muita dor, observa o pátio lá embaixo, e mais acima, vê o arcanjo com a lança de ferro, fazendo-o imaginar que a hora de encontrar o criador finalmente chegou.

6. A última ameaça.

O preocupado André, agora sentado na cadeira ao lado de Tara, levanta assustado quando ouve o barulho de vidro quebrando, acompanhado por um grito familiar, claramente identificado como o do seu irmão, que devia estar no mínimo em perigo. Tal fato o faz levantar-se aflito, olhando para as paredes como se tentasse ver através delas, onde seu irmão estaria.

Flávio preocupado com a justificável aflição do amigo, fica imediatamente em pé para dar apoio a ele, que o encara com o rosto transtornado, imaginando o que podia ter acontecido.

—Devemos ir lá. Márcio precisa de ajuda. — André fala a todos com os olhos lacrimejando.

—Não sei se vamos poder ajudá-lo agora. — Laura friamente o questiona, erguendo-se da cadeira, dando a entender que o rapaz já estava morto.

—Como assim? — André arregala os olhos compreendendo para seu desespero as palavras da vampira.

—Está ouvindo mais alguma coisa? — ela faz uma pausa, para que todos pudessem ouvir qualquer barulho, mas nada acontece. — Seja o que for, já acabou. Não sabemos se o último lobisomem está vivo, ou se o seu irmão... está morto. — fez André chorar com tal suposição. — Por isso temos que esperar mais um pouco, ou pode ser melhor acharmos outra saída. — completa para espanto de Flávio com a sua frieza, mas a

situação havia dado uma reviravolta tal, que deveria aproveitar o momento, e convencer os adolescentes a tirar logo o cordão.

–Não aceito isso, de jeito nenhum! – ele se revolta ao imaginar o irmão morto, e corre em direção à saída do refeitório.

Flávio também corre, e rapidamente o segura antes que cometesse algum ato impensável, mas André ainda muito nervoso, remexe o corpo buscando se livrar, enquanto suas lágrimas caem no chão.

–Pare, tenha calma. – suplica ao amigo. – O que vai poder fazer com a cabeça quente?

O adolescente fixa seus olhos lacrimejantes nele, cessando todas as hostilidades.

–Devemos ir lá Flávio. – livra-se dos seus braços. – Você precisa entender, não posso chegar em casa sem o meu irmão. É o único irmão que tenho. – faz uma suplica muito comovente, fitando o amigo, enquanto mais lágrimas caem dos seus olhos.

A aflição de André deixa Flávio com um nó no coração, sentindo tanta angústia, que teria que se arriscar lá em cima junto com ele. Laura, prevendo o que eles iam fazer, se aproxima para tentar impedi-los de cometer tamanha estupidez.

–Sei o que vocês estão pensando, mas é loucura irmos de qualquer jeito. – alerta colocando as mãos nos ombros dos adolescentes, que a fitavam desconfiados. – Se quiserem salvar Márcio, tirem o cordão do meu pescoço, e darei um jeito na situação. – volta no velho assunto, esperando agora pelo menos a concordância do André, embora não pudesse ajudá-lo, pois pelo código dos vampiros, a única coisa que faria em prol dos adolescentes, era dar um fim sem sofrimento, ou sair da fábrica, deixando-os para ter uma morte dolorosa nas mãos do lobisomem.

O desespero com a possibilidade de perda, faz André tremer os lábios, tentando soltar as palavras que finalmente concordariam com Laura.

–Não, muito obrigado. – Flávio toma a palavra antes do abalado amigo, suspeitando ser mais uma artimanha da vampira para fugir sozinha. – Nunca vai nos ajudar se tiver seus poderes novamente.

Aposto que viraria um morcego e sairia voando daqui, nos deixando a própria sorte.

–Como ousa falar essas coisas? Você nunca acredita em mim! – protesta batendo o pé no chão, enfurecida com o autocontrole do adolescente, por relutar libertá-la do cordão, mesmo numa situação difícil.

Observando a briga de longe, estava Tara, estrategicamente encostada na prateleira, com seu pulso direito bem ensopado pelo óleo que vazava da lata, segura pela outra mão, que a apertava para sair com mais velocidade.

Vendo ser o momento certo, ela segura uma das bases da cadeira com a mão esquerda, enquanto a outra faz força para sair da algema. A dor da mão afunilando dentro da algema é terrível, a ponto de fazer seu corpo tremer e os dentes rangerem. No entanto controla as reações evitando dar pistas aos três, que discutem asperamente longe dali. Após alguns terríveis minutos, sua persistência é finalmente recompensada com a tão esperada liberdade da mão dolorida, que quase perdeu a pele. Tal fato arranca-lhe um sorriso de triunfo, indicando que agora é só esperar a melhor oportunidade para agir.

Laura se encosta a uma das mesas empoeiradas, indignada pela teimosia dos deles, que a fitavam também com cara de poucos amigos.

–Muito bem, se acham essa idéia idiota a melhor, ótimo vão em frente, mas sem contar comigo. – fala deduzindo não ter muita chance sem os seus poderes, contra o esperto Gládio.

–Duvido. Você também vai querer ir conosco, ou prefere ficar aqui e assistir o amanhecer. – Flávio ameaça, irritado com o seu egoísmo.

A vampira o encara com raiva segurando a resposta, reconhecendo que se não saísse até o amanhecer, teria que permanecer o resto do dia na fábrica, e provavelmente morreria nas mãos dos outros membros do grupo de lobisomens.

–Que droga! Chega de perder tempo! Ou vocês vão ou eu vou sozinho! – gritou André nervoso com a demora dos dois em resolver se vão ou ficam.

–Tá bem. – concorda Laura, preferindo enfrentar Gládio, a ficar para assistir o amanhecer. – Vou pegar Tara e seja o que Deus quiser. – fixa o olhar raivoso em Flávio, lembrando da sua ameaça, e depois caminha a passos largos na direção de Tara.

Ela entra na dispensa, observada com sarcasmo pela inimiga, sentada e pronta para o bote.

–Vamos, é hora de ver seu namorado. – ordena enquanto se aproxima.

–Tenho uma idéia melhor, por que você não vê isso? – Tara sem vacilar, acerta com a mão esquerda, a lata de óleo no rosto de Laura, que desaba no chão.

Para completar o serviço, a moça levanta e aplica um chute no abdômen da vampira, assistindo feliz ela se contorcer de dor. Os adolescentes assustados com a reviravolta inesperada, vão na sua direção, mas é tarde demais, André leva um soco de direita, ficando fora de ação, enquanto Flávio tenta cercá-la, e leva um chute nos países baixos, caindo no chão gemendo pelo golpe.

–Não fiquem tristes idiotas, vejo vocês quando estiver transformada. – fala triunfante ajeitando seus cabelos cor de mel, ao mesmo tempo, que observava os dois. – Então poderei tirar a pele de cada um, adeus. – corre para a porta, sumindo das vistas dos adolescentes que ainda se recuperam dos golpes.

Laura caminha com dificuldade, pela dor do chute, enquanto André que estava caído junto às sujas panelas, estranha ao ver um molho de chaves dentro de uma delas.

–Meu Deus será que aquela desgraçada mentiu? – pergunta já de pé, balançando o molho de chaves, na direção dos outros dois.

–Essas devem ser todas as chaves da fábrica. – deduz Laura feliz ao examinar com os olhos, o molho de chaves. – Agora poderemos sair daqui. – eleva sua mão de encontro às chaves, mas André as tira do seu alcance.

–Espere, ainda temos que buscar o meu irmão. – disse André colocando as chaves no bolso.

Laura o fitou com raiva pela decisão tomada, pois agora o perigo viria em dobro.

–Escuta aqui pivete. Nós não podemos esperar mais. Quando Tara se transformar, teremos dois lobisomens ao invés de um. Se sairmos agora, ela não vai ter tempo para isso. É nossa chance, compreende? – falou indo pra cima dele, pronta para tomar de qualquer jeito as chaves, mesmo que fosse necessário surrá-lo.

–Que se dane! Não vou sair sem meu irmão. – recusa a idéia ignorando o risco de morrer.

–Vai sim! –Laura ordena preparada para dar um soco no rosto dele.

–Espere! – Flávio a empurra. – Já disse, não vamos deixar ninguém para trás.

–Não seja idiota Flávio. – a gótica esbraveja querendo bater nele também. – Vocês não vão libertar meus poderes, e ainda querem arriscar nossas vidas pelo Márcio? Será que vou precisar espancá-los, até me entregarem as malditas chaves? – dá um ultimato.

–Então faça isso. – concorda Flávio. – Não é tão forte sem os seus poderes pelo que vejo. Com isso deduzo que a nossa briga vai terminar quem sabe ao amanhecer, ou quando Tara vier transformada para arrancar nossas peles. Você escolhe.

A vampira não gostou nada das alternativas.

–É suicídio, pois de qualquer modo teremos que enfrentar Tara, caso vencemos Gládio. – indagou Laura cansada de relutar.

–Talvez não. – Flávio segura sua mão tentando fazê-la dar o braço a torcer, e ajudá-los a enfrentar o lobisomem, pois ia necessitar da sua experiência. - O que precisamos é matar Gládio, e trancar o restaurante presidencial usando o molho de chaves. Daí esperar até o amanhecer, que é quando Tara volta à forma humana e fica momentaneamente inconsciente, e vamos embora.

–E eu viro churrasco quando ficar exposta ao Sol. – ironizou Laura, compreendendo que a proposta era boa apenas para os adolescentes. – Que idéia brilhante, para vocês, é claro.

–Está enganada, vamos tirá-la daqui toda coberta, de modo a não ficar exposta. Depois quando anoitecer você poderá seguir sua vida. – propôs Flávio encarando-a com seriedade.

Laura coloca a mão no queixo, pensando na proposta, não demorando quinze segundos para tomar a decisão.

–Como vou saber se cumprirão o trato? – pergunta temerosa em confiar sua vida a eles, já que sempre ambicionou matá-los, assim que a libertassem do cordão.

–Dou a minha palavra de honra. – Flávio promete levantando a palma da mão direita, em sinal de juramento, mostrando o que ela deveria ter feito antes, se não tivesse mesmo a intenção de assassiná-los. – Você também não é André?

André não se mostra muito contente com a idéia, pois Laura queria deixar o seu irmão pra trás.

–Muito bem. Mesmo você não valendo muita coisa eu juro. – disse com certa raiva por fazer aquilo, mas apesar de tudo não tinha a pretensão de ser um assassino como ela.

–Então não percamos tempo. Vamos lá pra cima. – Laura encerra o assunto, caminhando a passos largos na direção da saída do refeitório antes que Tara voltasse.

Em pouco tempo, os adolescentes e a vampira sobem os lances de escadas até a porta dos fundos do restaurante, adentrando na cozinha. André sem perder tempo vai testando as chaves até encontrar uma que fechasse a porta como combinaram.

Já Flávio, ia na frente caminhando com cuidado para não pisar nas panelas, tentando não revelar cedo demais sua presença naquela penumbra. Laura mais rápida o passa, indo na direção da porta de acesso ao restaurante, onde coloca sua cabeça na entrada, averiguando que não havia nenhuma presença lá. Ela entra seguindo a mureta em forma de L, pela parede à sua esquerda até o final, parando em frente a porta principal de entrada.

Seus olhos examinam as mesas bem arrumadas, e também a mesa com uma das cadeiras caídas e a toalha jogada no chão, que junto com

a entrada para a varanda por onde a Lua cheia exibia seu brilho, não davam suficientes indícios de que a luta entre Gládio e Márcio tenha ocorrido ali.

Após a checagem, Laura faz sinal com a mão para os dois, a três metros dela, que venham para fechar a porta principal. André se apressa e começa o ritual de testar cada chave para ver qual é a certa, enquanto Flávio fica mais à frente junto com Laura, examinando o silencioso local.

–Será que ele ainda está aqui? – pergunta Flávio não acreditando que uma criatura tão grande pudesse passar no local sem desarrumar todas as mesas.

–Com certeza deve estar na varanda. – responde Laura com os braços cruzados, lembrando da velha astúcia de Gládio.

–Já consegui fechar. – avisa André se juntando a eles.

Laura caminha na direção de uma das cadeiras, quebrando sua base com o pé direito, provocando um som que assusta os dois, por temerem a revelação das suas presenças. Ela pega um dos pés da mesa, contemplando o prego preso numa das pontas.

–Bem... não é muita coisa, mas se nada der certo vocês terão que libertar meus poderes. – avisa quebrando outros dois pés das outras cadeiras até que pudesse extrair pedaços de paus semelhantes ao primeiro, com prego na ponta. – ele é mais lento para correr que os outros lobisomens, mas não se enganem, suas mãos são rápidas como raio. – alertou entregando os paus a eles.

–Esses pedaços de paus vão matar o lobisomem? – duvida André. – Pensei que eram mortos somente com balas de prata.

–Confie em mim. – Laura fala desviando o olhar do dele, escondendo que embora acreditasse nas suas intenções e gostasse do Flávio, ainda sim teria de matá-los, ou sofreria as conseqüências junto a seus iguais, por deixar viver pessoas que sabiam da existência de vampiros no mundo. Seu plano era conseguir convencer um deles a tirar o cordão, depois de ver o outro morrer nas mãos do lobisomem.

Teoricamente preparados, os três entram na varanda, irrequietos com o ambiente silencioso, tendo como paisagem à lua brilhante, onde viram

que o lado esquerdo também não indicava a presença de Márcio. André angustiado resolve seguir pelo outro lado que dobrava mais ao fundo à direita, demorando um minuto para chegar lá.

Ele se arrepia com o canto escuro de paredes de concreto a sua esquerda, porém o que chama mesmo a sua atenção, é o muro de vidro mais à frente quebrado, e uma quantidade razoável de sangue no chão. Tais evidências o apressam naquela direção sem se importar com a possível presença do lobisomem.

Flávio constata que Gládio provavelmente estivesse longe dali, e junto com Laura segue André, até os três ficarem em frente à parede quebrada, na esperança de verem o corpo sem vida de Márcio lá embaixo, entretanto, a única coisa que viam era o grande arcanjo de ferro, de costa com suas asas em posição de vôo, e a garagem dos caminhões vazia.

–Onde foi parar meu irmão? – pergunta desesperado com a situação.
– Não é possível que ele tenha sumido. – começa a chorar novamente.
– Não aceito isso! Vou encontrá-lo nem que tenha que revirar a fábrica inteira! – corre inconformado de volta pro restaurante, na tentativa de encontrá-lo custe o que custar.

–Espere André, é perigoso agir assim! Devemos esperar o amanhecer que é mais seguro. – adverte Flávio indo atrás do amigo que contornou a dobra, antes que ele abrisse alguma porta, permitindo a entrada de Gládio ou Tara.

–Vocês perderam a noção do perigo? O lobisomem pode estar aqui. – alerta Laura correndo atrás de Flávio. Sabia que Gládio era ardiloso o bastante para armar uma eficiente cilada, por isso não podia deixar que os dois adolescentes fossem mortos ou feridos ao mesmo tempo, atrapalhando seu plano.

Ela e Flávio chegam na dobra, onde são surpreendidos pelo grande lobisomem, que surgiu do canto escuro, onde estava escondido o tempo todo sem ser notado, pelo fato de não ter o cheiro fedorento de cachorro sujo, e a sua aparência magra junto com a pelagem castanha escura, o ajudar a se camuflar junto à parede, sem ser notado.

Surpresos, tentam frear, mas era tarde demais. A criatura lança a mão direita, fazendo um corte profundo com sua garra, na barriga dos dois ao mesmo tempo, que são jogados longe. André pára de correr e se vira

surpreso, notando o grande lobisomem, encarando-o de modo ameaçador, e logo depois corre na sua direção para o ataque.

Analisa a madeira com prego na ponta, compreendendo que só poderia usá-la para fazer cócegas nele. Sabiamente corre na direção do restaurante seguido pelo lobisomem, que embora fosse mais lento que o Zé Maluco, ainda sim podia alcançá-lo caso não se apressasse.

Chega na entrada da varanda para o restaurante, já tendo o lobisomem bem perto, o motivando a entrar empurrando as cadeiras para longe do seu caminho, ao contrário da criatura que passa destruindo tudo como se fossem gravetos. Se aproxima da mureta salvadora pulando por cima dela, caindo do outro lado, enquanto a criatura fica inconformada com a manobra, e tenta segurar André, que engatinha aterrorizado para fugir da mão peluda.

Laura e Flávio permaneciam deitados no chão, com as mãos por cima dos cortes, buscando em vão conter o sangue que sujavam suas roupas. A dor arrancava lágrimas dos olhos de Flávio, enquanto Laura fazia uma careta nada contente.

–Droga! Não queria terminar assim, se você tivesse tirado o cordão tudo seria diferente, agora vamos morrer. – protesta inconformada com seu destino.

–Se fizesse isso já teria me matado há muito tempo. – fala Flávio respirando ofegante com lágrimas saindo dos olhos.

–Você continua com essa conversa, seu pivete teimoso!

–Vai mentir até na hora da sua morte? – ele indaga mostrando a ela que agora não havia motivo para insistir na mentira.

Laura o encara fixamente, já com os olhos cheios de lágrimas por não admitir o óbvio.

–Quer a verdade? Eu confesso, que teria a obrigação de matar vocês, caso tivesse meus poderes de volta. – desabafa. – Até os pedaços de pau que afirmei servirem para matar o lobisomem era mentira, pois na hora do confronto esperava que um de vocês, libertasse meus poderes após ver o outro morrer, depois eu acabaria com a vida do lobisomem e do pivete sobrevivente.

–Por que fazer isso se nós a deixaríamos ir em paz? – indaga Flávio sem entender o verdadeiro motivo.

–Não importa, vocês sabiam o segredo, e quando isso acontece temos um código de honra, que nos obriga a eliminarmos seja quem for, ou como acha que ficamos ocultos por todos esses séculos? Se eu não o fizer, os outros que moram nas redondezas farão, entende?

Flávio não responde, apenas fica pensativo consigo mesmo, analisando os novos fatos, compreendendo que se Laura morresse na fábrica, nenhum vampiro saberia que o segredo foi descoberto, por outro lado, ele também não ia sobreviver se não libertasse seus poderes, deixando ela cuidar do lobisomem.

–Se eu e você não temos esperança de viver, vamos dar uma chance ao André de escapar. – propôs Flávio reconhecendo o próprio fim.

–Como assim? – Laura estranha a atitude do adolescente em se preocupar com o colega, mesmo na hora da morte.

–Servindo de isca. – revela seu plano.

–Mas eu não consigo nem ficar em pé. – fala tentando inutilmente levantar-se, mas a dor era insuportável.

–Se nos apoiarmos conseguiremos. – propôs Flávio se escorando nela para se levantar, enquanto ela fazia o mesmo.

–Você é magnífico Flávio, mesmo morrendo pensa no seu amigo. – Laura o encara sorridente enquanto os dois lutam para se manterem de pé. Mesmo perto da morte, admira o nobre adolescente, imaginando caso fosse em outra situação, gostaria de tê-lo ao seu lado. – Apesar de ser um moleque, tem a frieza e maturidade necessária para agir.

–Nós formamos uma bela dupla. – Flávio sorri de volta, deslumbrado com a beleza da vampira de cabelos vermelhos, com quem dividiria seus últimos momentos. – Se eu tirasse o cordão agora prometeria não me matar e nem ao meu amigo? – fez uma última tentativa, pelo fato deles não terem chance de escapar do jeito que estavam.

–Lamento, mas não posso. – responde caminhando com ele pela varanda, já conformada em morrer ao seu lado.

André continuava engatinhando pela mureta, enquanto o lobisomem tentava do outro lado advinhar sua localização, já que pelo tamanho não podia transpor a mureta com facilidade. Na verdade parecia gostar do jogo de gato e rato, ao demonstrar não ter pressa para o ataque final.

André ao contrário engatinhava ofegante na direção da cozinha, louco para sumir dali. O Lobisomem notando isso, coloca uma das mãos à frente dele, o assustando a ponto de virar para o outro lado. Farto da brincadeira, a criatura destroça uma parte da mureta com a intenção de finalizar a caçada, porém é surpreendida por um pedaço de pau lançado na sua direção, machucando a nuca.

Com dor, se vira para trás, contemplando a presença de Laura e Flávio abraçados na entrada da varanda, superando as dificuldades para ficar de pé.

– Ainda não terminou o serviço Gládio! – grita Laura reunindo as forças que tinha para atraí-lo na sua direção, deixando o André livre para fugir. – eu estou viva, seu vira lata pulguento, venha me pegar!

Suas palavras fazem Gládio rosar de ódio, a ponto de caminhar na direção dos dois, que ao perceberem que o plano havia dado certo, começaram a andar a passos largos de volta a varanda, superando a grande dor que tinham. O lobisomem compreendendo isso, não corre, apenas os acompanha varanda adentro, prazeroso com o desespero deles.

– Não agüento mais. – Laura tropeça nos próprios pés caindo no chão junto com Flávio, que também sem forças, apenas espera o lobisomem chegar para terminar o serviço.

A criatura pára ao notar os vidros se quebrando acima dela, e olha assombrado, Márcio ressurgir caindo à frente, quase perdendo o equilíbrio quando pisa no chão, mas assim mesmo, aproveita a distração do lobisomem, e enfia a lança de aço retirada da mão do arcanjo, no peito dele que urra de dor.

O monstro rejeitando a derrota, segura o cabo da lança tentando removê-la do corpo, porém Márcio percebe a sua intenção, e força a lança à frente, ignorando os frescos ferimentos que possuía, para não perder a excelente oportunidade de acabar com o lobisomem.

André aparece e avista a figura do irmão, lutando para fincar mais fundo a lança no peito do monstro. Ele age rápido, e se posiciona junto à Márcio, forçando a lança para frente, contra-balanceando a disputa. A figura nefasta do Lobisomem começa enfraquecer devido a grande dor no peito, recuando até perder o equilíbrio e arrebentar o muro de vidro, despencando altura abaixo.

Exausto, Márcio quase desaba no chão, mas é seguro pelo irmão, contente com sua presença.

–Como você conseguiu sobreviver? – André pergunta chorando.

–Quando fui jogado lá embaixo, consegui me segurar na laje onde o arcanjo estava. Então peguei sua lança emprestada e subi com dificuldade até aqui, esperando a oportunidade certa. – fala quase sem voz pelo cansaço, enquanto direciona sua atenção, ainda de pé, na direção de Laura e Flávio caídos no chão. – Desculpe ter chegado tarde amigos. Como vocês estão?

–Mau pra cacete. – responde Laura com dificuldade.

–Meu Deus cuidado! – adverte Flávio ao notar outro lobisomem com uma pelagem cor de mel, entrando na varanda andando de quatro.

Márcio e André observavam, a criatura a três metros deles, que deveria ser Tara transformada. Agora não tinham a mínima condição de defesa, só o que podiam fazer era rezar por uma morte rápida.

Flávio reunindo as forças que tinha, ergueu-se puxando Laura consigo, até ficarem de pé novamente.

–Se você me prometer, não fazer mal a mim e aos meus amigos, eu tiro o cordão. Prometa! – propôs apostando todas as fichas na vampira para não ser esfaqueado pelo lobisomem, que estava a nove metros, pronto para o ataque.

–Não posso prometer isso. – nega Laura inclinando seu rosto para baixo, conformada com o destino. Caso não morresse ali, faleceria nas mãos dos seus iguais, quando descobrissem que tinha poupado as vidas de pessoas que sabiam da existência dos vampiros.

Inconformado, Flávio a puxa até ficar de frente para ele, depois balança seu corpo com raiva da sua teimosia.

–Quer mesmo morrer? Prometa! – a balançou ainda mais.

–Não! – grita quase chorando.

–Vamos! Prometa! – os olhos de Flávio arregalaram-se ao ver o lobo começar a correr na sua direção. – Vamos! – grita sentindo a adrenalina aumentar.

Laura fecha os olhos com força rangendo os dentes, odiando o que ia dizer:

–Eu prometo. – Ela o encara decidida.

Sem hesitar Flávio tira o cordão do pescoço da vampira, que assume uma feição mais confiante ao sentir seus poderes voltando.

–Obrigado. – Ela o agradece aplicando um beijo colante na sua boca, que em outra situação o deixaria excitado, porém naquela hora arregala os olhos, apavorado por ver o lobisomem a um metro de distância pronto para atacar.

O monstro pula na direção deles, ao mesmo tempo Laura joga Flávio para o lado, e se transforma em fumaça de modo que o lobisomem transpasse por ela. A fumaça avança na direção contrária até formar novamente o corpo da vampira, agora com os olhos vermelhos e longos caninos se destacando na boca. Até as mãos mudam, assumindo um formato monstruoso.

O lobisomem freia por causa da corrida, e vira para contemplar o novo formato da gótica, que estranhamente não dura muito, voltando ao normal.

–Olá Tara, que bom te ver de novo. Caso não tenha notado eu voltei. – informa sem esconder a alegria de se tornar uma vampira completa outra vez. - Venha sarnenta! Está na hora da vacina contra raiva. – debocha, deixando o lobisomem irritado a ponto de investir num novo ataque, pulando em cima dela.

Porém Laura move-se muito rápido, ficando à esquerda de Tara, que inconformada tenta dar uma mãozada na rival.

–Errou! –se desvia de forma elegante, enquanto inspeciona com a ponta da língua os caninos, que surgem mais uma vez.

O Lobisomem zangado pela ineficiência em ferir a vampira, se levanta e dá um golpe com a mão direita na direção de Laura, que some como por encanto, voltando a aparecer do outro lado.

–Você é lenta. – gargalha de excitação.

Tara rosna de raiva e novamente desfere outro golpe usando a mão esquerda, mas é inútil, pois a vampira novamente desaparece, mas dessa vez não aparece em lugar nenhum, deixando a criatura confusa.

–Está me procurando? – indaga Laura surgindo sobre as costas do monstro que a encara temeroso, já prevendo o que ia acontecer. – Estou aqui. – crava os caninos no pescoço da criatura, que inutilmente busca se livrar dela.

Dando-se por satisfeita Laura pula à frente do lobisomem, indignado por ser novamente mordido pela vampira, que começa a cuspir os pêlos da boca com cara de nojo.

–O pior de sugar o sangue de lobisomens é que sempre fico com esses insuportáveis pêlos na boca. – sorri com sarcasmo, lembrando que isso sempre acontecia, quando uma vez ou outra mordia de sacanagem a rival. – Não pode fazer algo a respeito, como raspar o pescoço usando uma gilete? Em Querida? – sorri.

A zombaria faz Tara ficar tão enfurecida, que grita de raiva, investindo num novo ataque, enquanto a vampira espera pacientemente sua chegada, aplicando um soco com força suficiente para jogá-la na direção da parede de vidro que restou, quebrando-a e caindo altura abaixo igual ao Gládio.

Flávio fica admirado com o modo que Laura cuidou da situação, sem ao menos ser tocada por Tara. Tal sentimento é rapidamente trocado pelo medo, ao notar que ela se dirigia na sua direção, com o olhar sério.

Quando chega perto, o segura pelo pescoço erguendo-o no ar, enquanto ele exibía uma careta de dor.

–Entende que não posso deixá-lo vivo? – Laura pergunta apertando mais a sua garganta.

–O que entendo... é que... você prometeu. – lembra Flávio quase não conseguindo falar. – Prometeu! – repete caso ela tenha esquecido.

–Eu disse isso não foi? – fala sabendo muito bem da resposta, a ponto de afrouxar a pressão da mão sobre a garganta do adolescente. – Vou fazer uma coisa. – aproxima o rosto dele ao seu. – Vou cumprir minha promessa, mas lhe advirto, se falar de mim para alguém, se ao menos me encarar quando passar por perto, juro matar não só você, como toda a sua família. Compreenda que caso meus iguais apenas imaginem que você e seus amigos conhecem nosso segredo, não vou nem precisar ter o trabalho de eliminá-los, eles o farão por mim. Acredite, o mal está entre nós. Há vários como eu e Tara circulando pela sua cidadezinha, entendeu? – pergunta obtendo um sinal positivo dele que a olhava seriamente. – Ótimo! – sorri colocando a mão na sua barriga estancando com seu poder o sangramento. – A ferida não vai sangrar até umas cinco horas, então cuide dela o quanto antes. – larga-o, recuando para trás, enquanto ele a observa, apreciando pela última vez sua bela imagem. – Espero que nunca se esqueça de mim Flávio. Você é uma pessoa admirável. – sorri percebendo o seu espanto ao reparar que o corpo dela começava a sofrer metamorfose para morcego gigante. – Adeus.

Laura transforma-se totalmente em um morcego gigante, de pelagem negra e olhos dourados. Balança seus braços que se transformaram em enormes asas, criando uma ventania com o movimento da preparação de vôo, levantando os cabelos da figura inerte de Flávio, que apenas observava o morcego jogar-se na direção do local onde havia a parede de vidro, para então começar a voar sumindo no horizonte.

Fim